



UNIVERSIDADE PAULISTA

Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

UNIVERSIDADE PAULISTA

VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A ADULTOS SURDOS: desafios para a psicologia inclusiva.

Maressa Ferreira da Silva Gonzales
Prof.^a Orientadora Dra. Mônica Cintrão França Ribeiro

2018
7º Semestre
São Paulo - SP

Pesquisa Financiada pela Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
da Universidade Paulista - UNIP

GONZALES, Maressa Ferreira da Silva; RIBEIRO, Mônica Cintrão França (orientadora). **Atendimento psicológico a adultos surdos: desafios para a psicologia inclusiva.** Iniciação Científica. Universidade Paulista, UNIP, São Paulo, 2018.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo conhecer o trabalho realizado por psicólogos no atendimento clínico a surdos; investigar se o psicólogo conhece a língua brasileira de sinais (LIBRAS); compreender como os cursos de psicologia formam psicólogos para atendimento a essa demanda; e compreender o atendimento psicológico na perspectiva da comunidade surda e sua representação sobre este serviço. Para isso foi aplicado um questionário composto por seis perguntas em deficientes auditivos e surdos, homens ou mulheres, na faixa etária de 20 a 60 anos, pertencentes ao 'Instituto Mãos Que Cantam'; e realizadas entrevistas com psicólogos que atuam no atendimento psicológico clínico a adultos surdos e não surdos. Para a análise dos dados foram transcritas as entrevistas e analisados os questionários a partir das seguintes temáticas: como é ser surdo na sociedade brasileira; qualificação do psicólogo; interesse/desinteresse na qualificação; déficits na formação acadêmica durante a graduação; indicação para tratamento. Os resultados indicaram que os surdos vivenciam a problemática da barreira da comunicação tanto no âmbito social como âmbito do atendimento clínico psicológico. Em relação aos psicólogos entrevistados, os mesmos relataram que não receberam na formação acadêmica inicial formação para o atendimento à população surda, levando a falta de preparo e visibilidade das questões relacionadas a essa comunidade. Conclui-se que há necessidade de mais pesquisas que investiguem as demandas da comunidade surda a partir do diálogo com os próprios surdos, bem como uma formação inicial e continuada à psicólogos para o uso da Língua Brasileira de Sinais / Libras no atendimento psicológico a comunidade, atendendo com isso, inclusive, as normas éticas em psicologia.

Palavras-Chave: Psicologia Inclusiva; Surdez; Educação Inclusiva.

GONZALES, Maressa Ferreira da Silva; RIBEIRO, Mônica Cintrão França (orientadora). **Atendimento psicológico a adultos surdos: desafios para a psicologia inclusiva.** Iniciação Científica. Universidade Paulista, UNIP, São Paulo, 2018.

Abstract

This research aims to know the work performed by psychologists in the clinical care of deaf people; investigate whether the psychologist knows the Brazilian sign language (LIBRAS); understand how psychology courses train psychologists to meet this demand; and understand the psychological service from the perspective of the deaf community and its representation on this service. For this purpose, a questionnaire composed of six questions was asked for hearing and deaf people, male or female, in the 20-60 age group, belonging to the 'Instituto Mãos Que Cantam'; and interviews were conducted with psychologists who work in clinical psychological care for deaf and non-deaf adults. For the analysis of the data the interviews were transcribed and the questionnaires analyzed from the following themes: what it is like to be deaf in Brazilian society; qualification of the psychologist; interest / lack of interest in qualification; deficits in academic training during graduation; indication for treatment. The results indicated that the deaf live the problematic of the communication barrier both: in the social scope and the scope of psychological clinical care. In relation to the psychologists interviewed, they reported that they did not receive training in the initial academic formation to attend to the deaf population, leading to the lack of preparation and visibility of issues related to this community. It is concluded that, there is a need for more research that investigates the demands of the deaf community from the dialogue with the deaf themselves, as well as an initial and continued formation to the psychologists for the use of the Brazilian Language of Signs / Libras in the psychological service to the community, thus meeting the ethical norms in psychology.

Key-Words: Inclusive Psychology; Deafness; Inclusive Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
1.1 Apresentação	07
1.2 Definição sobre deficiência auditiva e surdez.....	08
1.3 Inclusão social e escolar: desafios para psicologia	10
1.4 Políticas Públicas para inclusão	12
2. MÉTODO.....	14
2.1 Objetivos	14
2.2 Participantes/Local	14
2.3 Instrumentos.....	14
2.4 Aparatos	14
2.5 Procedimentos para coleta de dados	14
2.6 Procedimentos para análise de dados	15
2.7 Ressalvas Éticas	16
3. RESULTADOS.....	18
3.1 Como é ser surdo na sociedade brasileira	18
3.2 Qualificação do psicólogo.....	19
3.3 Interesse/desinteresse na qualificação	20
3.4 Déficits na formação acadêmica durante a graduação	21
3.5 Indicação para tratamento.....	21
4. DISCUSSÃO	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXOS e APÊNDICES.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Respostas de Psicólogos	33
Tabela 2: Respostas de Participantes Surdos.....	35

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – Questionário para os participantes surdos	31
APÊNDICE B – Roteiro de perguntas para entrevista aos psicólogos	32
APÊNDICE C– Quadros comparativos exibindo as respostas da pesquisa.....	33
APÊNDICE D– Transcrições de Entrevistas	36
ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	53
ANEXO II – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)....	53

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Como estudante de psicologia o interesse em conhecer as práticas psicológicas do psicólogo no atendimento a comunidade surda e a forma que o psicólogo na graduação recebe formação para atuação, em diferentes áreas é fundamental para o entendimento da realidade em questão.

Nas últimas décadas foram construídas políticas públicas para a inclusão de LIBRAS na educação (Resolução N°4 de 2 de outubro de 2009) e a inserção de surdos no mercado de trabalho (Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991), indicando um avanço na inclusão da comunidade surda no contexto da sociedade e na educação formal.

Os avanços nas políticas públicas de inclusão dos surdos, ainda se encontram com muitas dificuldades de implementação no cotidiano, fazendo-se necessárias constantes lutas para a garantia de seus respectivos direitos.

A Lei 8.080/90, art. 3º e art. 5º, inciso III do Decreto 5.626/2005, garantem o direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva. Nesses documentos há a indicação da necessidade de atendimento em “equipamentos de saúde” para surdos, especificamente por causa de sua deficiência, inclusive na identificação e intervenção precoce, bem como nos serviços projetados para minimizar e prevenir deficiências adicionais, tanto em crianças com paraisos que podem ter perda auditiva neonatal ou sofrer de uma perda gradativa da audição. Da mesma forma, as políticas públicas preveem atendimento psicológico ao surdo como uma ação de prevenção e inclusão. No entanto, pressupõe-se: *Qual é a formação oferecida na graduação de psicologia para a atuação do psicólogo no atendimento à população surda? O psicólogo está habilitado para esse atendimento? Existe demanda para formação em psicologia na modalidade específica voltada para esta comunidade?*

A inclusão é importante e há dificuldades na regulamentação das políticas públicas de inclusão social e escolar. Essa pesquisa tem o objetivo de conhecer o trabalho realizado por psicólogos no atendimento psicológico a surdos, investigando se o profissional conhece a língua brasileira de sinais (LIBRAS); e

verificar como os cursos de psicologia formam psicólogos para atender essa demanda.

Para a Psicologia esse tema, além de contemporâneo, justifica-se pela importância no conhecimento sobre a atuação de profissionais no atendimento à comunidade surda e urge por uma maior adesão de psicólogos para atuação nessa área de inclusão. Os surdos, por sua vez, se sentirão acolhidos por uma sociedade sem barreiras quanto à sua expressão linguística.

O projeto também prioriza conscientizar sobre este tema que vem crescendo a cada dia, de pessoas com deficiência auditiva e que, segundo informativos da Organização Mundial de Saúde –OMS, devido à falta de informações, condições e acesso, uma parte da população ainda não consegue evitar possíveis causas de surdez ao não realizar os testes em crianças recém-nascidas.

Nesse relatório de pesquisa iremos apresentar uma breve revisão da literatura sobre o tema, com a definição sobre deficiência auditiva e surdez; a definição sobre inclusão social e escolar; e as políticas públicas de inclusão no atendimento a comunidade surda. Em seguida é apresentado o Método da pesquisa como os procedimentos que serão utilizados na coleta e análise de dados a serem realizados no 1º semestre de 2018 e apresentados no relatório final da pesquisa.

Destaca-se que esse projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética para seres humanos – CEP e recebeu parecer aprovado em dezembro/2017 (em anexo).

1.2 Definição sobre deficiência auditiva e surdez

Segundo a Secretaria da Educação Especial (2006), a surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição. Sob o aspecto da interferência na aquisição da linguagem e da fala, o déficit auditivo pode ser definido como perda média em decibéis, na zona conversacional (frequência de 500 – 1000 – 2000 hertz) para o melhor ouvido.

O parcialmente surdo (com deficiência auditiva – DA) poderá ser: a) pessoa com surdez leve – indivíduo que apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede que o indivíduo perceba igualmente todos os fonemas das palavras. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse indivíduo

é considerado desatento, solicitando, frequentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da língua oral, mas poderá ser a causa de algum problema articulatorio na leitura e/ou na escrita; ou, b) pessoa com surdez moderada – indivíduo que apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. É frequente o atraso de linguagem e as alterações articulatorias, havendo, em alguns casos, maiores problemas linguísticos. Esse indivíduo tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos ou formas gramaticais complexas.

Já osurdoé considerado quando há:

a) pessoa com surdez severa – indivíduo que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até aos quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada pela área da saúde e da educação, a criança poderá chegar a adquirir linguagem oral. A compreensão verbal vai depender, em grande parte, de sua aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações; ou,

b) pessoa com surdez profunda – indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral.

Atualmente, muitos surdos e pesquisadores consideram que o termo “surdo” diz respeito ao indivíduo que percebe o mundo por meio de experiências visuais e opta por utilizar a língua de sinais, valorizando a cultura e a comunidade surda. Os sujeitos ouvintes utilizam em sua língua dois processos: o verbal e o não-verbal. “A influência da surdez sobre o indivíduo mostra características bastante particulares desde seu desenvolvimento físico e mental até seu comportamento como ser social”. Neste aspecto, destaca-se a linguagem como fator de vital importância para o desenvolvimento de processos mentais, personalidade e integração social do surdo.

A comunicação é, sem dúvida, o eixo da vida do indivíduo, em todas as suas manifestações como ser social. É oportuno, pois, reconhecer a necessidade de

novos estudos que sirvam de suporte a métodos educacionais e ofereçam à comunidade surda melhores condições de exercerem seus direitos e deveres de cidadania. Além disso, é preciso dar aos especialistas da área melhores subsídios para o estudo do desenvolvimento linguístico e cognitivo das pessoas que estão sob a sua responsabilidade profissional.

Texto utilizado da Secretaria de Educação Especial. Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez. [4. ed.] / elaboração Prof.^a Daisy Maria Collet de Araújo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília: MEC, 2006.

1.3 Inclusão social e escolar: desafios para psicologia

Por meio de um levantamento sobre brasileiros surdos feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE constatou-se que no Censo realizado em 2010, 9,8 milhões de brasileiros foram registrados com deficiência auditiva, ou seja, 5,2% da população. A tendência desta estatística segundo pesquisas é aumentar a cada ano, pois conforme dados da Organização Mundial de Saúde – OMS (2011), 28 milhões de brasileiros possuem algum problema auditivo, sendo que muitos deles acabam passando despercebidos enquanto recém-nascidos até os 06 meses de vida por não terem feito um teste que é obrigatório, conhecido como “teste da orelhinha”, perdendo assim a chance de reverter possíveis casos de surdez.

Diante desse cenário, esta pesquisa está voltada invariavelmente para tratar o efeito da deformidade “surdez” através da inclusão social, que abrange sempre uma minoria carente. Entre as diversas categorias de minorias estão os surdos que não tem suas necessidades atendidas por serem diferentes da maioria das pessoas. O que não pode ser esquecido é que uma minoria futuramente pode ser maioria, assim como a exceção em muitos casos passam a ser a regra e, apesar, da quantidade elevada, muitos surdos não possuem recursos para obter acesso aos Psicólogos, por motivos que variam desde sua situação financeira até a falta de profissionais capacitados. A oferta acaba sendo precária, pois raros são os psicólogos que tem interesse por esse novo desafio de aprendizagem da língua de sinais (GONÇALVES, 2011).

A necessidade de ressignificar a situação de tantas pessoas com tais deficiências é a atenção que o labor científico despende em buscar soluções para minimizar as distâncias entre os diferentes. Mas então, o que se pode fazer? Como tratar a deficiência auditiva quanto ao atendimento psicológico?

Enquanto não incomodar pouco ou nada será feito, e em condições subumanas muitos vão vivendo em grandes conflitos existenciais.

Para que o outro saiba é preciso dar voz e vez ao surdo. Mas, o surdo não tem voz? Sim, ele tem. Mas a sua língua não é conhecida e como não faz falta a muitos outros, não se tem interesse em abrir-lhe espaço para expressar o que pensa e o que pretende da vida, quanto aos seus projetos e sonhos, como realizá-los e construir seu futuro. Lidar como? Num mundo diferente, que não ouve a sua voz? “A audição e a dicção não deve dominar e absorver o sentido do que seja escutar e conversar. Os surdos ouvem e falam por signos não sonoros. Precisamos ouvi-los e falar a eles em seu idioma visual. Precisam sentir que os desejamos ouvir e nunca devem ser dispensados de falar”. (FILHO et LUZ, pag. 10, 2013).

Os outros podem falar como eles falam, com sinais e/ou gestos, mas eles não podem se comunicar como os outros se comunicam. É um debate em condições desiguais que cabe um apelo à humanidade dos ouvintes para que eles sejam acolhidos. Por isso se faz necessário estudar casos, tomar depoimentos, para que aos que estão alheios possam saber que existe um mundo à parte, próximo ao seu mundo, de pessoas que estão cada vez mais oprimidas, marginalizadas e excluídas.

Os alunos de Psicologia são conscientizados do tema “surdez” no decorrer do curso se tão somente escolherem fazer a disciplina da Língua de Sinais Brasileira - LIBRAS, que o MEC instituiu como “disciplina optativa” e muitos se graduam sem ao menos conhecer a importância da história, leis e direitos dos surdos. Sendo assim, é importante que esses objetivos se voltem para a formação de psicólogos que atendam às necessidades sociais, alcançando concepções sobre o que é ser um profissional inclusivo. Os resultados permitiriam supor que tais condições contribuiriam para a construção de uma concepção de profissional próxima dos objetivos pretendidos (BETTOI, 1999).

Para ocorrerem mudanças seriam necessárias divulgações ainda maiores da causa, para que pudessem compreender o quão importante é essa relação dos surdos com os ouvintes, que implica em alguns déficits no desenvolvimento

cognitivo, afetivo e sociocultural, resultando o sofrimento psicológico deles, que acaba produzindo conflitos aos quais são interpretados equivocadamente, como os comportamentos típicos do surdo: agressividade, intolerância, individualismo, incapacidade intelectual, quando na verdade essa aparição resulta do desconhecimento do mundo dos surdos (GONÇALVES, 2011).

Os grandes pesquisadores do assunto já relataram em seus estudos as circunstâncias e descreveram o fenômeno. A teoria dos fatos está proposta, cabe agora uma solução alternativa para que a prática vigore e mais profissionais despertem para a causa como pioneiros neste empreendimento social que se traduz em qualidade de vida a esta comunidade, sendo esse importante para quebrar a barreira de silêncio entre ouvintes e surdos, resultante da vontade de envolvimento com a língua de sinais.

1.4 Políticas Públicas para inclusão

Apesar do Instituto Nacional de Educação aos Surdos - INES e a Divisão Sociopedagógica - DISOP afirmarem que pessoa com deficiência auditiva tem direito ao atendimento em LIBRAS (Decreto nº 5.626 / 2005 e Lei nº 10.098 / 2000, art. 18), a realidade não é condizente com o decreto imposto. Enquanto o Termo de Ética do Conselho Regional de Psicologia – CRP (2005) fala sobre os princípios fundamentais que o psicólogo deverá trabalhar visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades contribuindo para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, que valem igualmente para os surdos, porém no Art. 9º do Termo de Ética do CRP diz que é “dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional” a fim de proteger por meio da confidencialidade a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional. Daí subentende-se que para a prestação de serviço o Psicólogo não poderá descumprir essa legislação incluindo um interprete/tradutor no auxílio de seu serviço. Se o fizer, não existirá o sigilo que tanto prezamos em nossa atuação, além de expor o paciente. Portanto, caso algum psicólogo venha a descumprir o Código de Ética do CRP (2005), este estará sujeito ao cumprimento do que fica implícito nas Disposições Gerais, que diz:

Art. 21 - As transgressões dos preceitos deste Código constituem infração disciplinar com a aplicação das seguintes penalidades, na forma dos dispositivos legais ou regimentais: Advertência; Multa; Censura pública; Suspensão do exercício profissional, por até 30 (trinta) dias; cassação do exercício profissional.

Segundo Piret (2009), um intérprete de LIBRAS que não possuir formação em Psicologia não terá como compreender as formações do inconsciente, os relatos e as situações exposto na psicoterapia, podendo colocar em risco a condição psíquica da pessoa que o procurou. Logo, o interprete não poderá fazer esse atendimento ao surdo sem o conhecimento específico para tal, e nem psicólogo poderá fazê-lo sem o conhecimento em LIBRAS. É redundante que um não fará a parte do outro se estes conhecimentos não estiverem na mesma pessoa.

Maluf (1994), já afirmava que o(a) psicólogo(a) não deve ser um(a) profissional limitado(a) às técnicas a serem aplicadas. Os cursos devem introduzi-lo(a) na pesquisa e a formação deve desenvolver a capacidade de problematizar e buscar soluções, mesmo porque o psicólogo não está impossibilitado de buscar cursos complementares para se especializar e oferecer acolhimento, cuidados, e diminuir ainda mais a comunicação tão distante que há entre surdos e ouvintes.

2. MÉTODO

2.1 Objetivos

- Objetivo Geral:

Conhecer o trabalho realizado por psicólogos no atendimento clínico a surdos.

- Objetivos Específicos:

- ✓ Investigar se o psicólogo conhece a língua brasileira de sinais (LIBRAS).
- ✓ Compreender como os cursos de psicologia formam psicólogos para atendimento a essa demanda.
- ✓ Compreendero atendimento psicológico na perspectiva da comunidade surda e qual a representação sobre esse serviço.

2.2 Participantes/Local

- Deficientes auditivos e surdos, homens ou mulheres, na faixa etária de 20 a 60 anos, pertencentes ao 'Instituto Mãos Que Cantam'.
- Psicólogos que atuam no atendimento psicológico clínico a adultos surdos e não surdos.

2.3 Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos:

- Um questionário composto por 06 perguntas abertas para ser respondida pelos deficientes auditivos e surdos na própria folha (APÊNDICE A).
- Um roteiro com 06 perguntas para entrevista semi-dirigida com psicólogos(APÊNDICE B).

2.4 Aparatos

Caneta esferográfica, prancheta, folhas de sulfite, gravador de voz.

2.5 Procedimentos para coleta de dados

Por tratar-se de uma pesquisa científica, sua fonte foi dividida em duas etapas: levantamento bibliográfico e pesquisa de campo. No levantamento

bibliográfico foram reunidos os estudos realizados sobre o tema pelos seguintes autores: Gonçalves, Maluf, Piret, bem como as políticas públicas sobre inclusão (leis, decretos e artigos em direito aos surdos), assim como a interpretação destas, mas focando no pensamento dos autores como base de reflexão do tema. A revisão da literatura sobre o tema foi apresentada no relatório semestral da pesquisa.

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (parecer consubstanciado do CEP com parecer aprovado em 18/12/2017 – ANEXO IV) foi realizado a coleta e análise dos dados no 1º semestre de 2018 e apresentação deste relatório final da pesquisa em agosto de 2018.

Inicialmente entramos em contato com o gestor responsável pelo 'Instituto Mãos Que Cantam' para agendar data e horário para aplicação do questionário nos participantes, deficientes auditivos e surdos, homens ou mulheres, na faixa etária de 20 a 60 anos. O questionário foi respondido individualmente com auxílio da pesquisadora que irá apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO V) para leitura, explicação em LIBRAS dos objetivos da pesquisa e caso haja interesse, os participantes assinaram o documento para participar do estudo. Foi entregue o questionário, caneta e prancheta para cada participante que, individualmente, responderam às perguntas na própria folha, com duração média de 20 minutos.

Da mesma forma, entramos em contato com psicólogos clínicos para verificar se atendem a comunidade surda e por indicação contatamos outros psicólogos. Agendamos dia e horário para realizar a entrevista no consultório do profissional.

No dia agendado foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO I) para leitura, explicação sobre os objetivos da pesquisa e assinatura do documento. Em seguida foi iniciada a entrevista a partir do roteiro de perguntas e com a autorização do psicólogo a entrevista foi gravada para posterior transcrição e análise.

2.6 Procedimentos para análise de dados

Para a análise dos dados foram transcritas as entrevistas (APÊNDICE D) e analisados os questionários a partir das seguintes temáticas: como é ser surdo na sociedade brasileira; qualificação do psicólogo; interesse/desinteresse na qualificação; déficits na formação acadêmica durante a graduação; indicação para

tratamento. Para isso foram construídos quadros comparativos das respostas dadas pelos entrevistados (APÊNDICE C).

Após isso foram discutidos os dados a partir da revisão da literatura realizada e os objetivos desse estudo.

2.7 Ressalvas Éticas

Os procedimentos éticos desse estudo estão de acordo com a Resolução número 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Da mesma forma, esse estudo está orientado pela Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos.

Nesse sentido, este estudo buscou garantir aos sujeitos que dele participarem, os princípios éticos para a realização de pesquisas envolvendo seres humanos respondendo aos quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça. Todos os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – para a realização da entrevista ou questionário ou observação. Esses procedimentos somente foram realizados após a leitura e assinatura do TCLE, garantindo-se assim a compreensão dos participantes sobre o estudo e a sua autorização na participação do mesmo.

Autonomia: todo o sujeito tem o direito de decidir se quer ou não participar de uma pesquisa, por isso o pesquisador antes da realização da pesquisa solicitou o consentimento por escrito de cada sujeito que dela participarem, por meio da leitura, esclarecimento em linguagem acessível e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (anexo ao projeto).

Beneficência: a realização dessa pesquisa buscou garantir qualquer tipo de dano ou situação de risco à integridade física e psicológica dos sujeitos participantes. A proposta foi possibilitar benefícios aos sujeitos bem como garantir que seus interesses sejam atendidos.

Maleficência: o pesquisador buscou garantir um ambiente favorável à realização da pesquisa a fim de garantir que nenhum aspecto possa causar problemas aos participantes decorrentes da pesquisa. Da mesma forma, buscou garantir que caso ocorresse qualquer desconforto, a pesquisa seria interrompida e,

imediatamente, seria colocado à disposição dos participantes, apoio psicológico e clínico por meio de uma das clínicas/ambulatórios da Universidade Paulista – UNIP.

Justiça: a todos os participantes foram oferecidas as mesmas condições e cuidados éticos bem como acesso aos resultados do estudo.

3. RESULTADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os resultados das entrevistas realizadas com os psicólogos e os questionários respondidos pelos adultos surdos.

Responderam ao questionário 10 participantes com deficiência auditiva, sendo 6 mulheres surdas na faixa etária de 25 a 57 anos de idade e 4 homens surdos entre os 27 a 62 anos de idade. Foram entrevistados 6 psicólogos, sendo 5 mulheres e 1 homem, na faixa etária de 30 a 67 anos.

Para a análise dos dados foram transcritas as entrevistas (APÊNDICE D) e elaborados quadros comparativos das respostas dadas pelos participantes (APÊNDICE C).

A partir disso, foram construídos 5 eixos temáticos, apresentados a seguir:

- ✓ EIXO I = como é ser surdo na sociedade brasileira
- ✓ EIXO II = qualificação do psicólogo
- ✓ EIXO III = Interesse/desinteresse na qualificação
- ✓ EIXO IV = Déficits na formação acadêmica durante a graduação
- ✓ EIXO V = Indicação para tratamento.

No Eixo I, discorrerei a respeito da percepção dos entrevistados surdos sobre suas vivências em meio social. No Eixo II, será abordada a opinião destes em relação a qualificação e disponibilidade dos profissionais tanto psicólogos como da saúde em geral. No Eixo III, será apresentada a visão de ambos em decorrência da divulgação, discussão e repercussão da ciência da comunidade surda e sua necessidade de atendimento. No Eixo IV, será apresentado um levantamento de informações pertinentes ao período de formação desses psicólogos durante a graduação e como o quadro atualmente se encontra, e no Eixo V será mostrado aspectos do atendimento psicológico em si.

3.1 Eixo I = Como é ser surdo na sociedade brasileira

A visão que os entrevistados têm sobre conviver em sociedade foi descrita como “difícil”. Dado o pouco conhecimento de sua existência, de suas capacidades, e seus direitos, 70% dos participantes utilizaram essa palavra para descrever como

é viver em sociedade, referindo-se à falta de comunicação entre surdos e ouvintes, fato que impossibilita a convivência e interação entre ambos, e redundando no pensamento popularmente divulgado que “a sociedade ainda é discriminadora e é preciso mudar esse paradigma” (sic), mas na opinião de uma participante surda: “existem pessoas surdas que não mostram sua condição e acabam vivendo ocultos enquanto outros surdos se assumem por saberem sobre a Cultura Surda” (sic). Aqui podemos ressaltar tópicos como aceitação e identidade surda, pois existem aqueles que não se reconhecem como tal.

A falta de comunicação entre eles e os ouvintes se torna uma barreira para que desenvolvam e desfrutem de tudo que têm direito, já que, segundo eles e de forma unânime, Libras é a sua língua e uma forma de se comunicarem, assim como a Língua Portuguesa é utilizada por ouvintes. Como ainda é limitado o atendimento em sua Língua, os profissionais de diversas áreas deixam por desejar no âmbito do envolvimento destes com os surdos por inúmeros motivos, desde a falta de conhecimento sobre eles até ao descaso propriamente dito (tal como ao atender o surdo, não procurar entender ou pesquisar sobre os meios mínimos que poderiam obter para se comunicar: escrita, leitura labial, aplicativos, etc.).

A partir da dificuldade que os surdos vivem e por seus direitos não serem devidamente respeitados como consta na Lei nº10.098 / 2000, as complicações relacionadas ao convívio social dessa comunidade na sociedade brasileira se agravam.

A forma que eles veem como possível para diminuir essa exclusão que perdura é ampliar as informações sobre sua cultura para que mais ouvintes venham a participar de suas vidas. Que tenham mais cursos de Libras para os profissionais que os atendem, e saibam a importância de sua existência, pois “todo ser humano é um conjunto de valores, inspirações e desejo de aprender para sua expressão” (sic), assim todos poderão viver bem.

3.2 Eixo II = Qualificação do psicólogo

Analisando as respostas dos surdos entrevistados referente a inclusão de sua comunidade em relação à psicologia, 40% dizem que isso não ocorre ainda, porque os profissionais ainda não possuem conhecimento sobre eles. Porém, segundo eles, não basta que as informações sejam passadas somente para os psicólogos e

futuros profissionais. Muitos surdos também precisam saber o motivo de procurar por esse tipo de atendimento que ainda passa a ser despercebido. Em contrapartida, um participante disse que deveriam ter surdos psicólogos, assim se sentiriam mais compreendidos (identidade). Mesmo com a pergunta interpretada em Libras, 30% não souberam respondê-la, pois não entendiam o sentido dela ou não sabiam o que dizer sobre a mesma.

De forma abrangente, em referência ao tema “saúde” havia mais respostas negativas sobre serem atendidos na própria língua. No entanto, ao trazer para o foco que é o atendimento psicológico em Libras, nenhum deles passou em atendimento psicológico, porém, 60% dos entrevistados dizem conhecer a existência de psicólogos bilíngues que atendem surdos sem uso de aplicativos ou qualquer recurso, porque algum de seus amigos disseram conhecer, mas não obtendo maiores detalhes sobre aqueles que praticam esse tipo de atendimento, enquanto outros 30% dos entrevistados disseram que não conhecem de forma alguma quem os possa atender.

Ao conversar com uma participante, ela informou que o comum é procurarem por psiquiatras para tratar de problemas psicológicos. Contudo, a entrevistada relatou que mesmo o psiquiatra com o qual passou, embora atendesse outros surdos, não sabia Libras e falava muito rápido. Sendo assim, “nem a leitura labial dele conseguia fazer, a secretaria dele precisava ajudar, ela falava devagar” (sic).

3.3 Eixo III = Interesse/desinteresse na qualificação

A inclusão do surdo no âmbito da psicologia ainda é pouca, porém já ocorre ao passar dos dias, mesmo que para alguns surdos ainda seja desconhecida por falta de informação, mas “a psicologia é para todos, então a inclusão deverá acontecer” (sic), pois esta é uma ciência que leva em consideração a subjetividade do ser humano e suas diferenças. Ainda que 30% dos psicólogos entrevistados ainda não a vejam ocorrendo, concordam que para maior conhecimento sobre o assunto é necessária divulgação, e que esta não ocorra somente dentro do universo acadêmico, mas que também se dê em meios de comunicação como internet, televisão, entre outros. O Enem de 2017 foi um grande marco para a comunidade surda, pois não só deu a oportunidade para que participassem, mas trouxe para todo o país uma discussão: quem é o surdo?

Os psicólogos ressaltaram no final da entrevista a importância que devemos tratar esse tema e a divulgação que ainda hoje é pouca, se fazendo necessário não somente ser habilitado para receber as demandas da comunidade surda, mas pegar essa causa como seu dever em propagar sobre os benefícios que estes terão ao utilizar deste serviço de saúde mental. A participação em congressos como o que o CRP fez mais para propagar àqueles que possam se interessar nesta mesma área, da falta que este atendimento possa fazer.

3.4 Eixo IV = Déficits na formação acadêmica durante a graduação

Ao serem questionados se sabiam o que era Libras, 30% dos psicólogos informaram que é uma Língua utilizada para comunicação dos surdos, enquanto 20% a cita como linguagem (termo antigo utilizado antes do reconhecimento oficial como língua brasileira de sinais), mas compreendendo também como meio de comunicação. No entanto, nenhum deles teve Libras como curso em grade curricular.

Os psicólogos informaram que em suas respectivas épocas de formação, pouco ou quase nada se ouvia a respeito da comunidade surda, e em decorrência disso, não haviam disciplinas focadas em seu atendimento. Tendo em vista hoje, a disciplina Libras em muitos cursos como EAD e optativa mostra que ainda não há a devida dimensão de importância da tratativa do assunto, levando em consideração a quantidade de pessoas portadoras de deficiência auditiva/surdez no país.

3.5 Eixo V = Indicação para tratamento.

Somente duas surdas relataram terem sido atendidas em Libras no âmbito da saúde. Uma delas relatou que “o médico se comunicava de forma básica e precisava de ajuda” (sic) para respondê-la sinalizando, enquanto para a outra foi algo normal, pois psicóloga e assistente social dominavam a língua. Porém, 40% de entrevistados sinalizam a palavra “nunca”, e somente um justificou que não tem interesse sobre a necessidade de conversarem na mesma língua. Outros 40% utilizaram a palavra “não” para essa pergunta e justificaram que infelizmente a maioria dos profissionais não sabe Libras. A decorrência disso pode ser por falta de informação, da disciplina na universidade de medicina ou outras áreas correlatas que não divulgam muitas informações referentes a comunidade surda, que tem um meio diferente de

comunicação e que, em decorrência disso, dificulta o estabelecimento da mesma, embora alguns sejam oralizados e possam compreender o que os ouvintes falam por utilizarem do recurso de leitura da língua labial, aprendida através de treinamentos com fonoaudiólogos. Eles mesmos informaram que existem outros recursos para se comunicarem como a escrita ou aplicativos do celular, no entanto mesmo com o direito garantido a pessoa com deficiência auditiva a ter interprete no momento de atendimento em diversas áreas da saúde, me informaram que de forma alguma tinha algum por ali, mesmo que tivessem marcado uma data para comparecer em atendimento. Porém, no atendimento psicológico essa opção é inválida, mas muitos surdos não sabem sobre o sigilo profissional.

Levando-se em consideração a procura de psicólogos que atendem em Libras, ao participar dessa pesquisa 80% dos entrevistados informaram que não fazem seu uso, apenas 20% afirmam utilizá-la para trabalhar, sendo uma fluente e a outra não. Estas informaram que possuem uma demanda consideravelmente cheia, sendo uma delas dividida em atendimento psicoterapêutico e em orientações sobre quaisquer que sejam as dúvidas trazidas em sua sala (obtenção de benefícios, dúvidas sobre exames, etc.), enquanto a outra entrevistada que já atua um pouco mais de 20 anos com a comunidade surda não tem ideia de quantos já passaram em sua clínica, entre eles também tinha como demanda pais de pessoas com deficiências diversas. Ressaltou que em sua experiência não passaram somente pessoas com surdez em terapia, também houveram casos de surdos com múltiplas deficiências. No entanto, os outros entrevistados nunca tiveram em suas clínicas procura de atendimento bilíngue, resguardando o caso de uma participante que foi procurada por um casal homoafetivo de surdas e devido ao agravo da demanda a mãe de uma delas acompanhava as sessões, portanto ocorreu uma ponte entre a comunicação delas, pois essa mãe se comunicava em Libras, e os outros casos que ocorreram eventualmente eram encaminhados para uma instituição da cidade que tem uma equipe multidisciplinar bilíngue.

4. DISCUSSÃO

A temática problematizada em relação a esta demanda no convívio social traz para psicologia a responsabilidade de ofertar uma resposta que contribua para a solução dos conflitos decorrentes pela incongruência de interesses que venha a satisfazer as necessidades de inclusão que corresponda à integralidade da pessoa que participa da ordem estabelecida no meio social.

São muitas as divergências existentes que acabam sendo um marco discriminatório onde os direitos e deveres se configuram como penalidade em face de uma significação simbólica conturbada e confusa. A língua visual e gesticulada é a única fonte que se torna um empecilho por não ser entendida sequer no ambiente privativo, a qual com maiores divulgações venham a deixar de ser consideradas inalcançáveis e se tornem possíveis, para romper essas barreiras é preciso que mais pessoas conheçam além da história dos surdos, e sim esses que vivem através do olhar daquele não-surdo.

Como deficientes assim classificados pela cultura médica, os planos e projetos de defesa são inexistentes pelos maiores interessados. Há necessidade de conclamar pessoas, instituições, organizações em geral, que militem em favor da vida com o propósito de diminuir o sofrimento reconhecido pelos diferentes; e *por que não se falar em psicologia quando a mesma é tida como a ciência em estudar estes fenômenos?*

A ciência social de modo geral tem estendido militância em busca de soluções para melhoria de vida das coletividades. A expectativa de vida tem aumentado em diversas nações, com investimentos dos recursos que a beneficiam. Tratar a pessoa em todas as suas abrangências inclui o atendimento psicológico que a liberta de suas opressões. A psicologia é cerceada em oferecer as condições de tratamento e cura já considerando que os profissionais não são bilíngues (só conhecem sua língua nativa) ficando impossibilitados de um tradutor em decorrência do sigilo instituído pelo código de ética, que subentende que este não possui formação psicológica, induzindo a saúde mental dessa pessoa a riscos (PIRET, 2007).

Fica a questão: *como capacitar profissionais que são esperados por este contingente?* Ademais, o processo histórico é de dor e vergonha, causando traumas que requerem tratamento compatível. Não bastasse os limites impostos pela

deficiência, ainda a rejeição sofrida os tem relegado a um submundo, podendo ser essa interna ou externa. O que causa mais surpresa é saber que tais questões não são do interesse de muitos. Por isso sinalizar ao mundo também é privilégio da psicologia. Sendo assim, além de apresentar aos profissionais a importância desse tema, se faz necessário que estes também se tornem evidentes à esta comunidade.

O desprezo dos que são tolhidos por esta deficiência (surdez) faz com que cada um viva e sinta sua incapacidade, que contribui para diminuir ainda mais sua autoestima, que os leva a bradar em sinais (Libras) a dizer o quanto necessitam se comunicar com as demais pessoas no mundo a que pertencem.

Ao aplicar o questionário com participantes surdos, pude notar a discrepância imposta tanto pelas barreiras de língua, quando por entraves no que diz respeito a restrição de informações impostas em decorrência dessa, sobretudo mediante a dificuldade tanto de compreensão por uma parcela significativa dos participantes, culminando na necessidade de auxílio de uma professora de Libras em boa parte dos casos, que, junto comigo, explicitava aos questionados o conteúdo das perguntas.

Quanto às informações fornecidas, ficou evidente que os entrevistados surdos possuem em algum grau conhecimento e ciência da importância e necessidade da intervenção psicológica, porém relatando dificuldades em encontrar profissionais capacitados para a condução dessas. Quanto aos entrevistados que relataram conhecer profissionais, estes evidenciaram a dificuldade de acesso proveniente da alta demanda em detrimento da quantidade escassa de profissionais aptos.

Do ponto de vista dos psicólogos, foi praticamente unânime o destaque desses para a necessidade de maior divulgação da problemática. Embora, como bem notado por psicólogos que realizam atendimentos a surdos, a causa tenha ganhado maior repercussão mediante exposições em diversos canais (ENEM e mídia, principalmente), ainda é necessário que haja maior exibição das questões relacionadas às especificidades da surdez não somente no espectro da deficiência, mas principalmente do ponto de vista de indivíduo com uma identidade formada em seio a uma realidade cultural divergente da ouvinte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da ideia que uma grande fogueira pode começar apenas com uma fagulha, os movimentos que trouxeram significativas melhorias sociais começaram por pequenos e até mesmo conflitos do cotidiano, porque é assim que acontece a vida. Para a Filosofia pensar os problemas da humanidade é o pressuposto de grandes transformações. A cada situação enfocada muda-se o percurso pelo entendimento que se alcança nas circunstâncias.

É certo que muitos só querem viver os seus próprios problemas. E muitos que hoje não vislumbram em seu ambiente as deficiências que possam existir, amanhã podem sofrer em tais condições. Um exemplo é de pais que se defrontam com filhos nesta situação e são grandes batalhadores para mobilizar nas lutas que institucionalizam condições ao combate imposto as minorias em geral.

Se levarmos em consideração a diferença entre as línguas: Libras e Língua Portuguesa, 60% das pessoas que aceitaram participar dessa pesquisa se recusaram em escrever no questionário, apenas respondendo em sinais, sendo assim necessário interpretar e traduzir sua fala gestual-visual para o português, pois sentiam medo ou vergonha por não conhecerem a escrita em toda a sua estrutura e ordem diferente da sua. No entanto, os outros surdos não tiveram dificuldade em lê-lo mesmo que este não estivesse estruturado em sua língua, pois estes participantes dominavam ambas, mas a mistura entre elas ocorria em alguns pontos.

O diferencial nessa amostragem foi estes participantes possuírem curso Superior (entre eles as áreas de pedagogia e psicologia) enquanto os outros nem sequer concluíram o Ensino Médio. O que explica o fato que por falta de informações e acessos aos seus direitos, os reflexos decorrentes deste foram evidentes quando 70% dos participantes apresentaram dificuldades em ler o TCLE e o questionário, compreender o intuito da pergunta e escrever suas respostas (houve 60% de recusa veemente neste âmbito). Para entrevistá-los contei com o auxílio de uma professora de Libras surda e oralizada, mas a partir das primeiras questões eles informaram que não havia necessidade do suporte dela, e mesmo que eu ainda não fosse fluente em Libras, nos entendemos e a abordagem aos outros entrevistados foi sem nenhum auxílio de intérprete/tradutor.

Visualizando que todos os profissionais informaram que em sua época de formação não havia nada sobre essa comunidade posta em grade curricular, então o

preparo para percebê-la e recebê-la era nulo e, embora atualmente alguns relatem que há cursos em algumas instituições à distância e em outras na modalidade presencial, essas ainda são poucas e não suficientes para apartar as reais necessidades no âmbito do atendimento psicológico. Uma das psicólogas entrevistadas ressaltou que aprender a sinalizar e fazer o alfabeto é considerado obter um conhecimento incompleto, pois, além disso, tem toda uma história para as construções da Cultura Surda, e através desse poder entender mais sobre as Identidades que existem nessa comunidade tão diversificada e ao mesmo tempo tão similar à ouvinte.

Infelizmente a falta de informações sobre esse tema ainda é grande, mesmo que recentemente o Enem os tenha retirado do desconhecimento absoluto por parte dos ouvintes, ainda são membros invisíveis da sociedade brasileira. É preciso falar mais sobre a inclusão dos surdos nos atendimentos psicológicos, não para criar um atendimento específico ao deficiente, mas sim à pessoa que como outras em sua subjetividade buscam ajuda para suas demandas. Para tanto, há a necessidade de compreensão do indivíduo e suas singularidades, relacionadas as construções previamente citadas.

Por parte de membros da comunidade surda, nota-se o anseio destes em se sentirem pertencentes a sociedade em geral, e não somente ao restrito mundo de pessoas sinalizadas. Em suma, tudo o que eles nos pedem é que os não-surdos aprendam a se comunicar para terem uma chance de viver em igualdade, mostrando que possuem capacidade de ser e fazer qualquer coisa que assim desejarem, mas para isso ainda precisamos ressignificar a obtenção de informações sobre eles e para eles.

Por parte dos psicólogos, é importante que estes também se façam presentes, já que por falta de contato com profissionais, boa parte dos entrevistados surdos relataram que muitos outros desconhecem a função desses profissionais. Portanto, da premissa da Psicologia, a ressignificação nada mais é do que os profissionais se fazerem presentes e atuantes nessa comunidade, promovendo com isso a inclusão, tão importante para que haja o respeito e a promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTOI, W. & Simão, L. M. (1999) *Profissionais para Si ou para outros? Algumas Reflexões sobre a Formação dos Psicólogos*. Psicologia Ciência e Profissão.

Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200005. Acesso: 21out2016.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília. (1988).

Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/C3%A7ao.htm,. Acesso: 21out2016.

BRASIL. *Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso: 21out2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. (2006). *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez*. [4. ed.] / elaboração prof.ª Daisy Maria Collet de Araújo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília: MEC.

BRASIL. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]*. (2010).

Disponível: <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso: 21out2016.

BRASIL. Instituto Nacional de Educação de Surdos. (2011). *Direitos das Pessoas Surdas*. Rio de Janeiro: Editora Progressiva.

BRASIL. *Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.

Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm Acesso: 21out2016.

BRASIL. Portal MEC. *Escola do Distrito Federal inova em metodologia de ensino bilíngue para estudantes surdos*.

Disponível: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/205-noticias/1349433645/9580-sp-1159593356>. Acesso: 21out2016.

Conselho Federal de Psicologia CFP. (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Ed. Brasília Rádio Center.

GONÇALVES, P. C da S. (2011). *Atendimento Psicológico para Surdos*.

LUZ, Renato Dente. (2013). *Cenas Surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo? Participação de FILHO, José M. G. Ações, Idiomas Silenciosos e Cenas*, pag. 10, São Paulo. 1. ed. Parábola.

MALUF, M.R. Citado em Cattalini, A. & Fornazari, S. A. (1994). *A experiência no Tratamento Psicológico com pessoas surdas: Um estudo de caso*.

PIRET, B. (2007). *A consulta Psicoterápica com Interpretete*: vantagens, dificuldade e limites por B. Piret. Traduzido do francês por Laurence Reithler.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário para os participantes surdos

QUESTIONÁRIO	
IDADE:	SEXO: F () M ()
1- O que é LIBRAS? O que ela significa para você?	
2- Você já foi atendido por profissionais da saúde em Libras? Quais? Como você avalia esse atendimento?	
3- Você conhece algum psicólogo que realiza atendimento psicológico em Libras? Como foi para você esse atendimento? Ou como avalia esse tipo de atendimento?	
4- Em sua concepção, o que significa ser surdo na sociedade brasileira?	
5- Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?	
6- Gostaria de acrescentar alguma coisa?	

APÊNDICE B- Roteiro de perguntas para entrevista aos psicólogos

ROTEIRO DE ENTREVISTA	
IDADE:	SEXO: F () M ()
1- Você conhece Libras? O que ela representa para você?	
2- Sua faculdade ofereceu Curso de Libras como disciplina na grade curricular?	
3- Você faz uso da Língua Brasileira de Sinais?	
4- Já atendeu ou atende pacientes surdos? Quantos? Qual a sua análise sobre esses atendimentos?	
5- Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?	
6- Gostaria de acrescentar alguma coisa?	

APÊNDICE C– Quadros comparativos exibindo as respostas da pesquisa

Tabela 1: Respostas de Psicólogos

Sexo	Idade	Você conhece Libras? O que ela representa para você?	Sua faculdade ofereceu Curso de Libras na grade curricular?	Você faz uso da Libras?	Já atendeu/atende pacientes surdos? Quantos? Qual sua análise sobre esses atendimentos?	Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?	Gostaria de acrescentar alguma coisa?
Feminino	39	<p>Libras é a língua brasileira de sinais</p> <p>Significa tudo, porque é um meio de comunicação que facilita o meu trabalho e o meu entender com o público surdo.</p>	<p>Não.</p> <p>Formei em 2002, e nem pensavam em ter Libras,</p> <p>Nada, não tinha essa possibilidade, eu também desconhecia, acredito que a maioria dos alunos também,</p> <p>Os professores também nem citavam ao público a diferença da comunicação.</p>	<p>Sim.</p> <p>Trabalho com isso.</p>	<p>Eu atendo por semana, praticamente uns 10 pacientes por semana.</p> <p>Em orientação uns 7 mais ou menos.</p> <p>E em atendimento psicoterapêutico uns 3.</p> <p>Todos são jovens.</p>	<p>Não.</p> <p>É muito desconhecida a psicologia para o Surdo.</p> <p>O Enem abriu as portas para o público surdo, levantando bandeira, reivindicação para os atendimentos.</p> <p>Cabe aos psicólogos irem atrás desse público, aprenderem Libras e divulgarem o trabalho realizado.</p> <p>O Enem chamou bastante atenção, outros assuntos foram discutidos e levantados em veículos de comunicação, abordando questões como relacionamento, convivência, dificuldades.</p>	<p>Acredito que a divulgação do que é psicologia, o quanto o psicólogo pode ajudar o público surdo, porque a gente sabe das dificuldades que se tem na fase de desenvolvimento, do crescimento, o próprio contato na escola, até chegar ao trabalho que muitos não conseguem chegar por dificuldade de aprendizagem. Então a psicologia pode ajudar. Estimular desde o nascimento para que ele tenha uma vida "normal" como o ouvinte e conseguir um trabalho bom, uma família, e diminuir as dificuldades, Divulgação do serviço pode ajudar no desenvolvimento, cabe aos psicólogos colocar como luta essa questão em televisão, nas comunidades, nas associações, em toda mídia.</p>
Feminino	52	<p>Sim.</p> <p>Linguagem de sinais.</p> <p>Forma de comunicação com os surdos.</p>	<p>Não.</p> <p>Formei-me há 27 anos, então ainda não tinha essa opção de fazer como disciplina optativa.</p>	<p>Não.</p> <p>Gostaria de aprender, mas não conheço.</p>	<p>Não.</p>	<p>A psicologia é para todos, então a inclusão deve acontecer. Não sei se acontece na prática, mas é uma ciência que leva em conta as diferenças, então têm que dar conta das questões de Libras, de surdo-mudo.</p>	<p>A faculdade até está dando um bom respaldo com a disciplina optativa. Então acho que isso é um meio, é um caminho para que o aluno possa realmente conhecer, saber que existe, já que às vezes os alunos desconhecem. É um diferencial.</p>
Feminino	55	<p>É a linguagem dos sinais, usada por portadores de deficiência auditiva para se comunicarem. Tem uma história de sacrifícios para quem tem a deficiência. A comunicação é essencial para a inserção de pessoas em sociedade. Libras é o meio de portadores de deficiência auditiva ser participantes.</p>	<p>Não.</p> <p>Libras começou a ser divulgada bem pouco tempo. Tenho 23 anos de formação na área da psicologia e a Libras já era conhecida como linguagem e poderia ser aprendida, como qualquer outra língua. Está sendo mais divulgada, inclusive com faculdades oferecendo a Libras.</p>	<p>Não.</p> <p>Eu fiz o básico e não usei.</p>	<p>Já, atendi duas a 2 anos atrás, eram namoradas. Uma de São Paulo, e se conheceram pela internet.</p> <p>A mãe de uma delas foi junto para auxiliar na comunicação.</p>	<p>Não vejo interesse.</p> <p>Analisando instituições como a APAE, por exemplo, os psicólogos tendem a não achar que essas questões lhes dizem respeito, e sim aos pedagogos.</p> <p>Porém, como que faremos para atender surdos quando estes precisarem de atendimento?</p>	<p>Há a necessidade de maior divulgação.</p>

Masculino	56	<p>Uma forma importantíssima de comunicação entre as pessoas.</p> <p>O que nos difere de outras espécies é a comunicação.</p>	<p>Não, de forma alguma.</p> <p>Nem se cogitava, nem se falava sobre isso, nem em outros cursos, não era uma prática comum, lamentavelmente.</p>	<p>Não.</p> <p>Conheço, mas não tenho competência para me comunicar através da técnica.</p>	<p>Não, até o momento não.</p> <p>Nunca aconteceu</p>	<p>A psicologia está desenvolvendo possibilidades bem interessantes em se analisar a questão da deficiência no sentido de realmente olhar para essas pessoas e atender suas necessidades.</p> <p>Penso sim que há uma preocupação, como este trabalho evidencia, então vejo/tenho uma visão muito positiva com relação ao futuro.</p>	<p>Há importância do psicólogo na atuação no contexto social. Então, as faculdades hoje já estão se preocupando com essa questão da Libras, até aqui mesmo nessa faculdade tem uma disciplina voltada pra Libras, opcional. Então eu penso que o ensino está preocupado com isso. Talvez fosse mais interessante divulgar mais para os alunos a possibilidade desse atendimento que talvez não seja tão divulgado. Penso que a questão da divulgação deve ser mais incisiva.</p>
Sexo	Idade	<p>Você conhece Libras? O que ela representa para você?</p>	<p>Sua faculdade ofereceu Curso de Libras na grade curricular?</p>	<p>Você faz uso da Libras?</p>	<p>Já atendeu/atende pacientes surdos? Quantos? Qual sua análise sobre esses atendimentos?</p>	<p>Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?</p>	<p>Gostaria de acrescentar alguma coisa?</p>
Feminino	60	<p>A Libras para mim representa um recurso para atendimento do surdo. Para mim é uma Língua, então você não pode atender um Japonês sem saber japonês.</p> <p>Entretanto, Libras representa a linguagem e a linguagem representa o desenvolvimento humano; o que diferencia a pessoa do animal é a linguagem, e a comunicação é importantíssima desde que ela te promova o desenvolvimento, e a linguagem faz com que você se desenvolva cognitivamente, psicologicamente, socialmente. Então, a Libras representa a vida e o desenvolvimento humano.</p>	<p>Não</p>	<p>Sim, Sou fluente.</p>	<p>Atendo surdos há mais de 20 anos, não dá para saber quantos.</p> <p>Acho que uns 23, uns 24 anos que eu atendo surdos.</p>	<p>Eu acho que as pessoas estão descobrindo a surdez, eu acho que está havendo essa descoberta. Começa com a Libras na televisão, o ENEM, são coisas que a gente comemora. Ainda não é bom? Não é! O cara vai lá e faz uma interpretação e a aluna saiu superchateada porque ela não entendeu o texto, porque ela não conhecia a palavra.</p> <p>Não adianta você interpretar a palavra que eu não conheço, entende? Assim, tem que contextualizar ainda. Isso ainda está sendo ajeitado, mas não importa. As pessoas estão entrando em contato sim. Esse primeiro congresso que vai ter do CRP vai ser muito importante. Na USP já teve várias vezes, eu fui, com pedagogos, com fonoaudiólogos, tem um movimento aí acontecendo.</p> <p>Só de você estar aqui hoje isso é importantíssimo, eu acho isso o máximo, o quanto eu posso contribuir eu contribuo.</p>	<p>Às vezes as pessoas não fazem porque não sabem. Será que se tivesse uma oportunidade de ter uma palestra, uma coisa igual a essa do CRP na faculdade falando sobre surdez, mais pessoas se interessariam?</p> <p>A USP e a PUC têm trabalhos muito bons; a FMU tem Libras em quase todos os cursos.</p> <p>Não tem que ter uma psicologia exclusiva para surdos, mas sim a informação de que um psicólogo, para atender surdos, necessita de uma especialização no sentido de, de fato, adentrar neste universo, do ponto de vista cultural, pois hoje os alunos pensam que basta somente adquirir Libras e realizar atendimentos com surdos. Há a necessidade de entrar nesse mundo, suas peculiaridades.</p>
Feminino	67	<p>Libras é um método de leitura labial para deficiente auditivo.</p> <p>A representação dela é muito válida principalmente para quem não consegue escutar, e nem falar,</p> <p>Um método excelente.</p>	<p>Não, na faculdade há 15 anos já existia libras, mas era de pouco conhecimento, não entrava na grade de estudo.</p> <p>Acredito que até hoje são poucas faculdades que tem</p> <p>Deveria ser como o Inglês, como o Francês e o Latim antigamente,</p> <p>Começar de criança estudando Libras.</p>	<p>Não.</p> <p>Não tive oportunidade de aprender.</p>	<p>Não</p> <p>Nunca tive no meio de convivência uma pessoa com deficiência auditiva.</p>	<p>Não,</p> <p>Ainda está um pouco fora da realidade à inclusão do surdo,</p> <p>Falta de conhecimento das próprias pessoas, do próprio estudante, do próprio profissional.</p> <p>Precisaria de mais divulgação das próprias universidades e faculdades inserirem o curso</p>	<p>Falta divulgação, e por isso acho que precisa de um trabalho da faculdade, universidade, ou governo para se fazê-la, inserindo esses conteúdos no ensino superior, também trabalhando com marketing na mídia e reforçar isso.</p>

Tabela 2: Respostas de Participantes Surdos

SEXO	IDADE	O que é LIBRAS? O que ela significa para você?	Você já foi atendido por profissionais da saúde em Libras? Quais? Como você avalia esse atendimento?	Conhece algum psicólogo que atende em Libras? Como foi o atendimento?	Em sua concepção, o que significa ser surdo na sociedade brasileira?	Há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?	Gostaria de acrescentar alguma coisa?
Feminino	25	É a comunicação dos surdos	Não , médicos não sabem comunicar em Libras, precisava ajudar escrevendo	Não	É Difícil , no trabalho não há comunicação, as pessoas não se importam.	***Não entendeu a pergunta	Mais Psicólogos aprendendo Libras, porque os que já ouviu falar que existe moram muito longe (ex: Foz do Iguaçu).
Masculino	27	É uma língua igual ao Português.	Nunca	Sim , 2 psicólogas, mas nunca fez terapia.	Difícil , falta comunicação.	Não , mas é muito importante poder passar no psicólogo.	Não
Feminino	30	Libras é muito importante, porque assim se comunica com os surdos, com os interpretes e professores de Libras.	Não , porqueo médico não sabe Libras, infelizmente.	Não , nunca passei em psicólogo, somente com psiquiatra, mas ele não sabe Libras e fala muito rápido, e nem a leitura labial dele consigo fazer, a secretaria precisava ajudar, ela falava devagar.	Difícil	***Não consegue entender essa pergunta.	Gostaria que as pessoas ouvintes aprendessem Libras pra melhor a comunicação com os surdos.
Feminino	31	Língua para comunicar com os surdos.	Sim , mas o médico comunicava básico e precisava de ajuda.	Sim , conheço de informações dos amigos, mas nunca passou em atendimento.	É Difícil , não dá pra se comunicar, relação de trabalho é ruim.	***Não entendeu a pergunta	É muito importante a sociedade aprender Libras pra comunicar com surdos, assim todos vivem bem.
Masculino	33	É a minha língua .	Nunca	Sim , 3 psicólogos.	Dificuldade na comunicação.	Psicólogos que sabem Libras têm, mas não Psicólogos Surdos . É importante procurar um psicólogo, mas o surdo finge que não precisa.	Ter psicólogos na escola para acompanhar o surdo.
Masculino	42	É a comunicação do surdo.	Nunca	Não	Difícil , porque as pessoas não sabem Libras.	Não	Somente que o ouvinte aprenda Libras.
Feminino	47	Língua Brasileira de Sinais é a minha língua .	Sim , 1 psicóloga e 1 Assistente Social.	Sim , 1 psicóloga.	Significa lutar e superar barreiras sem se cansar.	Ainda não há, mas o número de psicólogos que sabem Libras está aumentando.	Não
Feminino	51	É uma língua dos surdos, não é linguagem e também não é universal. Ela significa algo muito importante para mim, é a minha 1ª língua (visual).	Não , infelizmente a maioria dos profissionais não sabe Libras, pode ser por falta de informação ou da disciplina na universidade de medicina. Realmente foi muito difícil de me comunicar, porém posso entender utilizando a língua labial, escrita ou aplicativos do celular.	Não , só <i>ouvi falar</i> de profissional psicólogo do Paraná, no interior de Pato Branco. Aqui em São Paulo tem uma psicóloga surda, mas nunca fui atendida.	Depende da sociedade, tem pessoas surdas que não mostram sua condição e acabam vivendo ocultos enquanto outros surdos se assumem por saber sobre a Cultura Surda.	Acho importante ter essa inclusão, mas falta informação para os surdos, e eles precisam disso.	De hoje em diante vamos lutar para divulgar mais essa causa, os psicólogos precisam ser fluentes em libras para poder atender os pacientes surdos.
Feminino	57	Libras é muito importante porque é a primeira língua que comecei a me comunicar .	Nunca , pois não tem intérpretes.	Sim , 2 psicólogos que atendem em Libras.	Difícil , não tem acessibilidade e dificulta a comunicação, e a conseguir emprego.	É pouca , pela dificuldade de encontrar psicólogos com Libras.	Mais cursos de Libras na faculdade.

Masculino	62	É uma comunicação visual gestual lingüística utilizada no Brasil e no mundo.	Não , mais existem profissionais que atuam e alguns aplicativos que facilitam seu acesso a comunicação lingüística gesticulada.	Aqui em SP ainda não , mas sei que no Sul do Brasil (PR/SC/RS) existem algumas Instituições com esse tipo de atendimento.	Surdo é aquele que por sorte é filho de outros surdos, a sociedade ainda é discriminadora , a cultura surda se concentra em pouco acesso de informação, é preciso mudar esse paradigma.	É preciso ter surdos que tenham acesso ao letramento com ou treinamento profundo dos fatos que é algo duvidoso para nós como professores surdos.	Sim, todo ser humano é um conjunto de valores, inspirações e desejo de aprender para sua expressão, mesmo as pessoas oralizadas para seu cognitivismo.
-----------	----	---	--	--	--	---	--

APÊNDICE D – Transcrições das Entrevistas

Transcrição I

Nome Completo: Y. A.

Idade: 67

Formação: Psicologia

Cargo: Psicóloga Clínica

Data da entrevista: 14/04/2018

Entrevistadora: *Você conhece Libras? O que ela representa para você?*

Entrevistada: No meu entender Libras é um método de leitura labial para deficiente auditivo. A representação dela para mim é acredito porque é muito válido principalmente para quem não consegue escutar, né, e nem falar, então eu acho um método excelente, acho que para mim, apesar de que, eu falo eu escuto... E as pessoas que não falam e escutam? Deveria ser um sofrimento muito grande de né, surgir essa leitura labial que é a Libras, eu acho importante.

Entrevistadora: *Sua faculdade ofereceu Curso de Libras como disciplina na grade curricular?*

Entrevistada: Não, na faculdade há uns 15 anos atrás já existia Libras, mas era de pouco conhecimento, então não entrava na grade de estudo, então eu acredito que até hoje são poucas faculdades que tem e eu acho que é uma pena, que deveria ser como é o Inglês, como era o Inglês, o Frances e o Latim né tinha antigamente, tinha que entrar né. E as crianças né, já começar de criança pequena estudando Libras, seria o ideal.

Entrevistadora: *Você faz uso da Língua Brasileira de Sinais?*

Entrevistada: Não, não faço uso, não tive essa oportunidade de aprender.

Entrevistadora: *Já atendeu ou atende pacientes surdos? Quantos? Qual a sua análise sobre esses atendimentos?*

Entrevistada: Não, no momento não, nunca, nunca tive no meio de convivência uma pessoa com deficiência auditiva. Aliás, meu pai sabia um pouco da leitura labial, meu pai ele trabalhava com uma pessoa deficiente né, auditiva, onde ele de tanto conversar, a lidar com ele foi pegando todo o conhecimento da Linguagem Brasileira de Libras

Entrevistadora: *Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?*

Entrevistada: Olha, eu acho que não, ainda está um pouco fora da realidade a inclusão do surdo, talvez por falta de conhecimento das próprias pessoas do próprio estudante, do próprio profissional, entendeu? Eu acho que precisaria de mais divulgação das próprias universidades e faculdades inserir o curso, aí sim, teria uma inclusão muito maior, eu acho que o que está faltando é isso, um trabalho que inclua na grade.

Entrevistadora: *Gostaria de acrescentar alguma coisa?*

Entrevistada: Olha a minha sugestão acho que eu acabei numa pergunta só, acho que acabei respondendo que no âmbito da psicologia pode ser que tenha, mas é muito pouco, pouquinho, tanto é que você procura e é difícil encontrar um profissional que trabalha com o atendimento psicológico com a deficiência auditiva, é isso aí que eu tô dizendo, vou reforçar, eu acho que precisa mais um trabalho mesmo da faculdade, universidade ou próprio governo ter essa ajuda, inserir né, mesmo as faculdades públicas, federal, estadual ter, porque acho que nem nelas tem, não existe, então eu acho que falta isso, essa divulgação, fazer um marketing na mídia e reforçar isso, acho que precisa muito reforçar esse papel, eu acho que é o que eu tenho pra dizer, pra deixar essa informação aí... Que eu passo.

Transcrição II**Nome Completo:** S. A.**Idade:** 55**Formação:** Psicologia**Cargo:** Psicóloga Clínica**Data da entrevista:** 14/04/2018**Entrevistadora:** *Você conhece Libras? O que ela representa para você?***Entrevistada:** Então, a Libras é a linguagem dos sinais, né, que é usada por quem é portador da deficiência auditiva, né. Ou seja, é um meio, né, um meio que os portadores têm, ainda bem que existe a Libras, né, para se comunicarem. Eu acho lindo quando eu vejo um grupo se comunicando, né. Mas tem aí, ou seja, toda uma, uma história de sacrifícios para quem tem o problema, tem a deficiência.**Entrevistadora:** *O que ela representa para você?***Entrevistada:** Ah, eu considero assim é, a luz no fim do túnel, né. Ou seja, é o estar no mundo, né, é a socialização do portador, né, é inserir, é incluir o portador da deficiência auditiva. É a Libras, né, é o "olha, tô aqui, existo, né. Posso me comunicar, posso contribuir". Para mim, representa isso.**Entrevistadora:** *Sua faculdade ofereceu Curso de Libras como disciplina na grade curricular?***Entrevistada:** Não. A Libras começou a ser divulgada a bem pouco tempo, né. Porque eu já tenho, é, 23 anos de formação na área da psicologia. Então, a Libras é, já era conhecida que a gente sabia que era linguagem, assim, eu não sabia, por exemplo, que se podia estudar Libras, né, por exemplo, você pode estudar Libras, tem cursos como qualquer outra língua, né. E então, não era na minha época, não era tão divulgado. Hoje está sendo mais sim. Tem faculdades que oferece sim. Assim como inglês, as outras línguas, oferece a Libras também.**Entrevistadora:** *E essas faculdades, elas oferecem o curso como, assim? Presencial, EAD? Poderia citar algumas?***Entrevistada:** Presencial.

Olha, eu não moro aqui em São Paulo, eu moro em Minas, mas o que eu sei é que, por exemplo, tem um projeto na PUC bem legal. Não sei se você conhece. É, então, a PUC, eles têm projeto. Eu fuçando lá achando porque é de interesse meu, né, como eu também sou portadora da deficiência, eu fico, eu ficava imaginando assim: poxa, e quando nem a prótese auditiva vai resolver. Porque se eu já sou portadora, a tendência é com a idade, eu ouvir menos. E aí eu comecei a criar, ou seja, não sei se é uma fantasia ou lidar mesmo com a realidade, hoje. E quando eu não puder mais, sei lá, e quando eu tiver muita dificuldade, né. Aí eu comecei a fuçar algumas coisas e eu vi que tinha PUC. Na minha cidade, aliás, na cidade onde eu trabalho em Pouso Alegre, tem o Instituto Filippo Smaldone, em Pouso Alegre, Minas Gerais.

Aqui, o trabalho que a PUC realiza se chama DERDIC, que é a escola, né, e essa escola atende as crianças desde o ensino fundamental, como também prepara os pedagogos para trabalhar com inclusão, e não ter a necessidade de ter o interprete/tradutor na sala. O próprio pedagogo já fazer tudo isso.

Então, lá em Pouso Alegre tem o Instituto Filippo Smaldone, que é escola, né, aí tem até o ensino fundamental, e é para surdos, né, aí eu não sei, não cheguei a ir lá conhecer, mas tem e até vem crianças de cidades vizinhas para poder aprender, para poder estudar lá. Eles fazem também um trabalho com a comunidade, porque tem psicólogos, tem fono, e assim, se precisa de alguma avaliação, aí eles têm o atendimento gratuito mesmo que a pessoa não estude lá, na escola. Mas eles dão essa assistência. Até quando eu preciso, eu encaminho para lá.

Entrevistadora: *Você faz uso da Língua Brasileira de Sinais?*

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: *Você pode-me falar mais sobre como faz o encaminhamento para o Instituto Filippo Smaldone?*

Entrevistada: É um equipamento que eu lanço mão quando eu preciso de uma avaliação. Já mandei até gente adulta, que às vezes lá, por exemplo, eu peguei um adulto que ele tinha gagueira. Não tem nada a ver com o assunto..., mas eu queria uma avaliação mais aprofundada, com fono né, se tinha o caso dele histórico na família, parece que o pai era gago então eu queria uma investigação mais, que não era mais da minha área, né.

Entrevistadora: *E essa fono nesse instituto específica abarcou a sua solicitação?*

Entrevistada: Isso.

Entrevistadora: *Já atendeu ou atende pacientes surdos? Quantos? Qual a sua análise sobre esses atendimentos?*

Entrevistada: Já, duas. Foi assim: na realidade elas eram namoradas, faz dois anos. Uma era aqui de São Paulo, elas se conheceram pela internet, olha só.

É a forma mais forma delas se relacionarem.

E aí elas, a mãe foi junto para tentar. Uma, aliás, elas tinham uma vida. Uma delas, a que morava em Pouso Alegre chegou a frequentar essa que eu citei, esse instituto Filippo Smaldone, então ela era alfabetizada, ela fez curso de computação. A outra que morava aqui, não ficou muito claro, porque como ela estava morando lá em Pouso Alegre a pouco tempo, a outra eu fiquei sabendo por que a mãe foi junto, embora ela fosse adulta.

Entrevistadora: *A mãe era surda?*

Entrevistada: Não, a mãe de uma delas era ouvinte. E ela muito ansiosa, e ela tinha alguns problemas, daí já de ordem psíquica, emocional.

Entrevistadora: *Então era necessário mesmo ter a terapia, e caso constatasse também, o psiquiatra?*

Entrevistada: Sim, encaminhei porque ela precisava de medicação. Por vezes ela era agressiva e possessiva com a namorada, uma delas.

Entrevistadora: *Então vocês chegaram a passar por uma psicoterapia. Como fez esse trabalho com ela?*

Entrevistada: O quê que eu fiz... Maressa: não tinha muito o que trabalhar, eu orientei um pouco a mãe, porque ela não escutava.

Entrevistadora: *Então a mãe entrou e foi a interprete?*

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: *Elas pediram?*

Entrevistada: Mas, eu atendi ela sozinha, também. Porque ela escrevia, ela era alfabetizada, ela escreveu alguma coisa.

Entrevistadora: *A comunicação entre vocês se dava mais assim pela escrita?*

Entrevistada: Sim, sim. Aí, há, atendi a mãe também para perguntar essas coisas de como foi quando era criança, tal. E na realidade eu peguei acabei introduzindo um, eu tenho um grupo de Arte terapia, que tem pintura, sabe? Eu tenho uma voluntária, eu mesma não tenho muita habilidade, mas tenho uma voluntária que ensina e eu sempre to junto, que aí a gente faz a pintura e eu abro para o grupo de psicoterapia. Ela participou, introduzi ela no grupo, e a mãe também participou, e a namorada. Então, sim, porque na realidade tinha a questão da socialização, também. Embora, assim, as duas trabalhassem. Trabalhavam assim, a que morava em Pouso Alegre, eu não vou lembrar o nome delas, porque fazem uns dois anos. A de Pouso Alegre, ela era possessiva. Elas foram trabalhar numa mesma fábrica, uma brigou com a outra e as duas foram mandadas embora, as duas, está bom. Ela era, sabe aquelas, ciumenta. E aí, imagina, ela não falava, não.

Entrevistadora: *Era dos sinais apenas...*

Entrevistada: Agressividade, agredia a menina, a outra que era de São Paulo. Ela queria trabalhar, porque ela tinha mais facilidade em sair para trabalhar, essa que era daqui. A outra tinha ciúme. Sabe aquela coisa mais ciúme patológico de querer controlar a outra, olha só, olha que caso.

Entrevistadora: *Nossa!!!*

Entrevistada: Bom, enfim elas pararam de, assim, porque lá é assim. Eu trabalho no serviço público, né. Então eu atendo a demanda tal, eu ensino, faço tudo o que é possível. Eu acho que foi bom o tempo que durou, elas foram acho que uns dois ou três meses mais ou menos.

Entrevistadora: *E teve esse entendimento da comunicação entre vocês? Mesmo que não tinha a Libras envolvida, vocês arranjam um jeito de se comunicar?*

Entrevistada: É o acolhimento, sabe. O que estava faltando muito era a questão da socialização, o acolhimento, né. Até para a mãe, porque a mãe também já estava no psicotrópico né, ansiosíssima, enfim, teve todo esse acolhimento na realidade com relação às três. Mas é difícil a comunicação, porque na realidade elas sabiam um pouco, né. Eu, eu não lembrava mais porque já tinha um tempo, eu fiz o curso de Libras, mas tinha um tempo que eu tinha feito, né. Então, ela falava alguma coisa, sim, porque ela aprendeu no instituto.

Entrevistadora: *Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?*

Entrevistada: Atendi mais uma.

Entrevistadora: Quando que foi?

Entrevistada: Atendi uma. Ela era mãe, ela criou a filha. Ela foi com a filha.

Entrevistadora: *A filha era surda? Era ouvinte?*

Entrevistada: Não, a mãe.

Entrevistadora: *Mas aí ela foi com a filha?*

Entrevistada: Sim, e a filha era ouvinte.

Entrevistadora: *Essa filha auxiliava a comunicação entre vocês?*

Entrevistada: Sim auxiliava. Por isso que ela foi junto, e atendi ela junto, e ela queria uma coisa que, assim, mas eu fiz a orientação direitinho da questão do benefício. Ela trabalhava como doméstica fazia tempo já numa casa, mas ela estava querendo saber da questão se ela tinha direito ao benefício. Eu falei: olha, essas informações pode ser que tenha mesmo, mas tem uma série de critérios. Encaminhei ela para o CRAS, por que o CRAS é que faz esse estudo.

Entrevistadora: *Da parte mais de benefício social, né?*

Entrevistadora: *E sobre a inclusão no âmbito da psicologia? Como você vê? Para você, como que é isso? Há, não há? Como lidam?*

Entrevistada: Se fala assim?

Entrevistadora: *Se ocorre mesmo... Do psicólogo para a pessoa surda? Você vê isso ocorrendo?*

Entrevistada: Não, não vejo.

Entrevistadora: *A busca?*

Entrevistada: Não, não vejo interesse não. Assim, mesmo quando a gente trabalha assim na área de instituições como a APAE, por exemplo, né, e que trabalham mais com crianças, tal, ou profissional psicólogo não tem essa preocupação. Eu tive porque eu sou deficiente auditiva, né, porque assim, porque a minha área não é, embora eu já tenha trabalhado por dois anos na APAE, não é uma área que eu gostaria de estar atuando né, é a área infantil. Eu trabalho mais com adolescente e criança. E o profissional da psicologia, eu acho que parece assim, que ele fica pensando que o pedagogo, mais precisamente o educador que é o professor, é que vai fazer essa parte. Mas, e na hora de um atendimento?

Entrevistadora: *É verdade.*

Entrevistada: Né. Eu acho que tem. Embora, como eu te disse, eu fiz o básico e não usei. A gente esquece, é uma coisa que tem que ter...

Entrevistadora: *Prática no dia a dia, né?*

Entrevistada: Sim. Por exemplo, quando eu fiz o curso tinha muita professora fazendo. Inclusive que trabalhava na APAE. Ou seja, ela foi buscar mais uma ferramenta para ela poder ajudar. Eu achei isso muito legal, tinha várias lá.

Entrevistadora: *E psicólogas? Só você?*

Entrevistada: Tinha eu, mas eu não lembro. Tinha mais gente sim, da minha área, mas não que fosse... Era mais na área da educação mesmo. E como era numa faculdade católica que eu fiz lá, tinha muitos seminaristas fazendo. Numa faculdade católica que têm lá, inclusive eles sempre mandam e-mail se que quero aprender o intermediário. Porque lá em Pouso Alegre tem essa universidade católica e eles sempre têm curso de Filosofia e o de Libras se mantém lá.

Entrevistadora: É interessante, porque religião é um dos carros chefes do desenvolvimento da Libras, né. Então são muitas religiões que vão aprender, né, para dar esse apoio entre aspas "espiritual" a comunidade.

Entrevistada: *Bastante seminaristas. Nossa, você não calcula.*

Entrevistadora: *Gostaria de acrescentar alguma coisa?*

Entrevistada: Então, o que eu acrescentaria, assim, a questão da divulgação, né. Mais divulgação. Hoje tem um teste quando a criança nasce já, né.

Entrevistadora: *Teste da orelhinha.*

Entrevistada: Eu acho isso o máximo, as mães têm que...

Entrevistadora: *É lei, tem lei. É obrigatório, sim. Mas infelizmente alguns hospitais públicos não conseguem disponibilizar por falta do material, o material está quebrado. É um teste super prático que pode evitar uma possível surdez, porém até os seis meses de vida dessa criança.*

Entrevistada: Então, eu acho legal essas iniciativas, né. Ainda, eu acho, como eu fui alfabetizada, eu comecei a ter problemas mesmo na adolescência. Fiz cinco cirurgias, né, e não teve como corrigir a perda, então a gente optou pelas próteses. Então, eu uso nos dois ouvidos, eu sou portadora bilateral severa sem o aparelho. Quanto eu tiro para dormir, pode cair a casa, né. Mas eu acho dessa questão né, que todo portador de deficiência, cada um com a sua, se sente incomodado por conta do preconceito. Eu me sinto. Ah, a psicóloga surda. Dói na minha alma, né, vamos supor. Nunca escutei isso, mas se vira as costas, você sabe: ó lá, a psicóloga surda. Você acha que não existe?

Entrevistadora: *Por um outro parâmetro, pensando que a falta de psicólogos que atendam o surdo. Talvez não seria um elogio?*

Entrevistada: Sim, né. Pensando por esse lado, né. Porque você fala: poxa, para mim foi um desafio, né. Porque até eu, eu sabia que eu queria psicologia, porém como a gente está vendo, né, tem as creanças aí no nosso curso aí de TCC, né. Você fica com esses pensamentos disfuncionais, sabe, vou fazer outra área. Entrei para fazer aqui na São Francisco, na Penha, Universidade São Francisco. Falei: ah, vou fazer Serviço Social. Ué mas vou mexer com público também, com pessoas, né. Fiquei acho que dois, três meses, falei: não, é psicologia que eu quero, por que que eu vou fazer isso?

Entrevistadora: *E se identificou e se achou ali dentro.*

Entrevistada: Desde o ensino médio eu já falava: é psicologia. Eu entrei primeiro em psicologia, em Guarulhos. Aí não deu para mim continuar por questão financeira, parei. Depois entrei no serviço público, aqui em São Paulo. Prestei concurso, passei, na Saúde. Aí foi, quando eu vi que, estava dando a grana, tal, aí pensei em voltar. Mas, depois, mesmo entrando em Serviço Social eu falei não. Parei, dei um tempo, retomei e prestei vestibular na Psicologia, e fiquei na Psicologia. Mas, é uma coisa, né, é um desafio, imagina, qual é o teu instrumento de trabalho? É o ouvido, é ouvir, né. Então eu falei: não, vai ser isso mesmo, eu vou ouvir.

Entrevistadora: *Como que seria um psicólogo surdo, então? Qual seria o instrumento de trabalho de um psicólogo surdo, na sua opinião? Porque ele já não tem o aparelho auditivo para ouvir.*

Entrevistada: Nossa, agora você me pegou. Eu não tinha pensado nisso. Porque o instrumento dele é o ouvido.

Entrevistadora: *Do psicólogo. Mas e se esse psicólogo é surdo, qual instrumento ele usaria ao invés do ouvido?*

Entrevistada: A psicologia é maravilhosa, né, então, ou seja, tem muitas áreas, né? Então vai trabalhar na corporal. A psicologia, né, reichiana, que trabalha mais a questão corporal, né. Enfim, expressões, e vai ter que ser com o visual, manual, né? Então, olha só quanta coisa... Eu fiz um curso de massoterapia, eu falei: quando eu não ouvir mais, eu vou fazer massagem, é uma terapia. Você não precisa ser psicóloga para ser massoterapeuta, né. Mas eu falei: ué, é um recurso, né. Mas também, outra coisa, tem as apostilas, tudo. Não pratiquei né, mas tem, a base e tal, tá lá o certificadozinho. Então basta retomar e na hora que você precisar, você vai ter. Por exemplo, eu pensei para mim: você não pode mais ouvir, vai lá. De alguma maneira você vai estar ajudando aquela pessoa, né. Então, são esses outros recursos, né. A meditação, vamos supor, você pode lá, sentar, ouvindo, mas como você vai fazer meditação? Você pode ir lá observar o paciente, dar meditação para ele, observar, guiar, não sei. Todos os recursos físicos e visuais, né, porque já que você não tem a audição.

Entrevistadora: *Então é isso, então você usaria seus olhos e além das mãos, todo o corpo que entra também dentro de Libras, que é a expressão, principalmente expressão também. Interessante.*

Entrevistada: Isso.

Entrevistadora: *Muito obrigada pela sua participação e uma boa tarde.*

Transcrição III

Nome Completo: D. M.

Idade: 39

Formação: Psicologia

Cargo: Psicóloga Clínica, Palestrante

Data da entrevista: 18/04/2018

Entrevistadora: *Você conhece Libras? O que ela representa para você?*

Entrevistada: Libras é a língua brasileira de sinais que significa acredito que... Que tudo, porque é um meio de comunicação que facilita o meu trabalho né, o meu entender com o público surdo.

Entrevistadora: *Sua faculdade ofereceu Curso de Libras como disciplina na grade curricular?*

Entrevistada: Não, eu me formei em 2002, e nem pensavam em ter Libras, nada.... Nada, não tinha essa possibilidade, eu também desconhecia, acredito que a maioria dos alunos também, os professores também nem citava ao público, e a diferença da comunicação, mas não tinha nada.

Entrevistadora: *Você faz uso da Língua Brasileira de Sinais?*

Entrevistada: Eu faço, porque eu trabalho com né com isso.

Entrevistadora: *Já atendeu ou atende pacientes surdos? Quantos? Qual a sua análise sobre esses atendimentos?*

Entrevistada: Eu atendo por semana, praticamente uns 10 pacientes por semana, é, na verdade em orientação uns 7 mais ou menos, e em atendimento mesmo psicoterapêutico uns 3.

Entrevistadora: *São Jovens, idosos ou adultos?*

Entrevistada: São jovens.

Entrevistadora: *Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?*

Entrevistada: Não, acredito que assim, ainda é muito desconhecido a psicologia para o Surdo.

Entrevistadora: *Mesmo depois de começarem a falar sobre os surdos por conta do Enem?*

Entrevistada: Eu acho que o Enem abriu as portas para o público surdo, em relação a se levantar alguma bandeira, alguma luta, alguma reivindicação. Pros atendimentos, e para atendimentos comuns: médico, fono, para algumas especialidades; para a psicologia ainda tem um tabu, até porque não conhecem, nem o ouvinte né, tem o total conhecimento do que a psicologia faz e do que pode fazer e de como é o atendimento. Então assim, é, cabe aos psicólogos irem atrás desse público e divulgarem, aprenderem a Libras né como meio de comunicação, mas divulgar o trabalho para o público. O Enem trouxe sim, nossa abriu o olhar para qualquer pessoa e alguns questionamentos...

Entrevistadora: *Tirou os surdos da invisibilidade, né?*

Entrevistada: Tirou... Tirou, e você pode ver que a partir do Enem é... Outros assuntos foram discutidos e levantados em programas de televisão, em jornal... A Fátima Bernardes levou o Vinicius e levou a esposa, falou da questão de relacionamento, da convivência, das dificuldades, ele foi um ponto de partida né, não que antes não tivesse acontecido muitas coisas, mas ali foi um chamariz assim que chamou muita atenção mesmo, e a partir dali muitas aconteceram e tenho certeza que muitas vão acontecer.

Entrevistadora: *Gostaria de acrescentar alguma coisa?*

Entrevistada: Acredito que a divulgação do que é a psicologia, o quanto a gente pode ajudar enquanto psicólogo o público surdo, porque a gente sabe é, das dificuldades que se tem na fase de desenvolvimento, do crescimento, o próprio contato na escola, até chegar ao trabalho que muitos não conseguem chegar ao por conta de dificuldade de aprendizagem, então acho que a psicologia pode ajudar nisso. Então, nasceu surdo? Vamos estimular desde o nascimento para que ele tenha uma vida "normal" como o ouvinte para conseguir um trabalho bom, é... Tenha uma família, diminua as dificuldades, então aí, acredito que a divulgação do serviço de psicologia que pode ajudar no desenvolvimento na vida toda.

Entrevistadora: *No seu parecer, essa divulgação seria onde, TV...?*

Entrevistada: Em tudo, e cabe aos psicólogos fazerem isso, colocarem como meta né... Porque tem assim, a gente sabe que os psicólogos eles lutam por várias coisas, então tem feministas... É, enfim, vários temas, a questão da educação, alguns testes, enfim, colocar como luta do psicólogo a questão da divulgação e aí, ir em televisão, nas comunidades, nas associações, nos bairros, no jornal e em toda mídia.

Transcrição IV

Nome Completo: V. P.

Idade:56

Formação: Psicologia

Cargo: Psicólogo Clínico, Professor Acadêmico

Data da entrevista: 02/05/2018

Entrevistadora: *Você conhece Libras? O que ela representa para você?*

Entrevistado: Uma forma importantíssima de se comunicação entre as pessoas, que para mim é o que nos difere de outras espécies é a comunicação.

Entrevistadora: *Sua faculdade ofereceu Curso de Libras como disciplina na grade curricular?*

Entrevistado: Não, não, de forma alguma, nem se cogitava, nem se falava sobre isso, nem em outros cursos, não era uma pratica comum lamentavelmente, não tinha.

Entrevistadora: *Você faz uso da Língua Brasileira de Sinais?*

Entrevistado: Não, não faço. Conheço assim... Mas não tenho competência, por exemplo, para me comunicar através da técnica. Não.

Entrevistadora: *Já atendeu ou atende pacientes surdos? Quantos? Qual a sua análise sobre esses atendimentos?*

Entrevistado: Não, até o momento não. Nunca aconteceu. Até agora não.

Entrevistadora: *Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?*

Entrevistado: Bom, é... Eu penso que a psicologia está desenvolvendo possibilidades bem interessantes para eu colocar como deficiência, como limitação né, não como adjetivo jocoso, mais no sentido de realmente olhar para essas pessoas e atender as necessidades delas. Eu penso sim que ta tendo uma preocupação, haja vista, você agora aqui né, fazendo um trabalho desse interessantíssimo na minha concepção, mas eu penso que a psicologia ta se preocupando sim, por exemplo, com a sexualidade né, com essa coisa da união.... Eu penso que está abrindo um horizonte interessante sim, eu vejo/tenho uma visão muito positiva.

Entrevistadora: *Já conversou com alguém sobre essa questão da surdez com algum psicólogo?*

Entrevistado: Já, já, já... Numa conversa informal, mas já conversamos sim.... Sobre o assunto.

Entrevistadora: *Conhece algum psicólogo que poderia indicar?*

Entrevistado: Não, que tenha explicitado para mim essa possibilidade, esse conhecimento de uma leitura, de uma comunicação em Libras não.

Entrevistadora: *Gostaria de acrescentar alguma coisa?*

Entrevistado: Eu sempre ressalto nas minhas aulas a importância do psicólogo na atuação no contexto social, e quando eu falo social pra mim eu abro todas as possibilidades, a minha fala é pra chamar a atenção dos alunos ao contexto social por si só né, não especifico X, Y ou Z. Então assim, as faculdades hoje já estão se preocupando com essa questão da Libras, até aqui mesmo nessa faculdade tem uma disciplina voltada pra Libras, opcional e etc. Então eu penso que o ensino tá preocupado com isso. Talvez fosse mais interessante divulgar mais para os alunos a possibilidade desse atendimento que talvez não seja tão divulgado, penso eu, mas é uma possibilidade... Penso que, a questão da divulgação deve ser mais incisiva.

Transcrição V

Nome Completo: K. S.

Idade:60

Formação: Psicologia

Cargo: Psicóloga Clínica, Pesquisadora

Data da entrevista: 02/05/2018

Entrevistadora: *Você conhece Libras? O que ela representa para você?*

Entrevistada: Então a Língua de Sinais Brasileira a Libras, para mim representa um... Recurso para atendimento do surdo, para mim é uma Língua, então você não pode atender um Japonês sem saber japonês né? Entretanto Libras... para mim representa a linguagem e a linguagem representa o desenvolvimento humano; o que diferencia a pessoa do animal é a linguagem. Então Libras é muito mais do que simplesmente um sinal para se comunicar, se comunicar você se comunica com cachorrinho, você se comunica com gato, você se comunica com qualquer pessoa. A comunicação é importantíssima desde que ela te promova o desenvolvimento né, e a língua é o maior dos desenvolvimentos humano né, então ela... A linguagem faz com que você se desenvolva cognitivamente, psicologicamente, socialmente, então a Libras representa a vida e o desenvolvimento humano.

Entrevistadora: *Sua faculdade ofereceu Curso de Libras como disciplina na grade curricular?*

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: conheceu algum curso?

Entrevistada: Então, tem vários cursos, inclusive na minha faculdade eles têm interpretes e tudo, tem lugar que oferece Libras. O Brasil ainda não caiu a ficha né, de que a Libras é tão, tão, tão essencial, é tão primordial e que existem outras pessoas que são diferentes em comunicação. Então até eles entenderem que existe um país dentro do outro né, um mundo dentro do outro, está demorando um outro, então na minha não teve, nem EAD, nem nada

Entrevistadora: *Você faz uso da Língua Brasileira de Sinais?*

Entrevistada: Sim, sou fluente.

Entrevistadora: *Já atendeu ou atende pacientes surdos? Quantos? Qual a sua análise sobre esses atendimentos?*

Entrevistada: Atendo surdos há mais de 20 anos, não dá para saber quantos, acho que uns 23, uns 24 anos que eu atendo surdos.

Entrevistadora: *Há muita procura de surdos para o atendimento psicológico?*

Entrevistada: Hoje em dia eu acho que há mais né, eu acho que as escolas tão entendendo que existe psicólogo e que pode atender em Libras... Então, hoje o entendimento tem melhorado muito. Eu acho que um dos problemas que mais dói na verdade, é a falta de acesso que o surdo tem, não só de informação quanto financeiro né; o Estado não oferece atendimento, e... Ele fica sempre a margem, então é muito difícil encontrar um surdo que possa pagar psicólogo, né. Ah... Não, mas tem que... Não, claro, é evidente que tem, mas a maioria dos surdos né, são de origem mais simples, mais humilde, às vezes até a família tem condição de pagar, mas não tem entendimento sobre o atendimento psicológico.

Entrevistadora: *Seria aquele tabu que psicólogo é para louco ou que a família não sabe lidar com as emoções deles?*

Entrevistada: Isso! Acontece muito... Quando começa a dar problema na escola, aí: -Aí, pelo amor de Deus dá um jeito nele.

Entrevistadora: *Nossa! Dá um jeito, resolve?*

Entrevistada: É, mas tem muito aqui, é mais de 20 anos, então você imagina o que eu tenho de história, né? Então, é, infelizmente a comunidade surda, a cultura surda é pouco conhecida, né...

Entrevistadora: *É uma deficiência invisível, né?*

Entrevistada: É, e na verdade, por exemplo, tem qualquer coisa sobre a inclusão inclusive, né? Se sou a favor ou contra a inclusão.... Já me perguntaram muitas vezes... Eu sou super a favor de inclusão de qualquer âmbito, de qualquer esfera, eu sou super a favor, né, só que, não da forma que ela tem sido feita.

Entrevistadora: *Que na verdade não tem sido feita... Risos.*

Entrevistada: Isso... A gente tá precisando de uma estrutura educacional que contemple né. Eles incluem cego em escola que não tem braile, não tem material didático, então, é como é né atender

esse surdo que vem tão precariamente. Então eu, eu divido muitas coisas, porque tem o surdo filho de surdo, o surdo filho de ouvinte, ou o surdo de filho de ouvintes com sinais, o surdo filho de ouvinte sem sinais né, o surdo com o poder aquisitivo, com possibilidade de informação, o surdo que a informação não chega, e aí todo mundo é uma coisa só, quando você fala a escola do surdo: O surdo né, e gente, o surdo é uma pessoa... Ele pode ter, por exemplo, paralisia cerebral, ele pode ter uma psicose, ele pode ser um autista, ele pode, enfim, ter um déficit intelectual né, mas é assim... Se tem uma classe de surdo, bota o surdo lá, não tem muito... Eu acho que eles não vêem o surdo como um indivíduo ainda, como uma pessoa pensante, que pode escolher né, uma pessoa que pode se formar, então tem muito essa coisa de surdo. Aqui no consultório chega de toda forma, de tudo!

Entrevistadora: Criança, jovem adulto, adolescente, idosos...

Entrevistada: Isso...

Entrevistadora: Idosos procuram?

Entrevistada: Não, eu nunca tive surdo idoso, o máximo que eu tive foi 34 anos.

Entrevistadora: *Adulto ainda...*

Entrevistada: É, com muitos sinais, bastante sinais, é...

Entrevistadora: *Você já atendeu algum surdo somente em classificadores? Por que existem também surdos que não conseguem a Libras por conta da deficiência cognitiva...*

Entrevistada: Então, mas veja, eu tenho uma paciente que acabou de sair daqui... Ela tem um pouco de paralisia, ela tem uma síndrome citomegalovirose, a mãe teve citomegalovirose, então ela tem uma série de comprometimentos. Agora que ela está aprendendo o alfabeto e as palavras, ela está numa escola de surdos desde sempre. Então eu acho que é muito assim, você focalizar, porque na escola não dá pra você focalizar, é muito material, é muito como lidar com cada dificuldade, e aqui ela tem um momento especial, só dela e, então ela que ninguém dizia que podia falar, que podia se comunicar por Libras, ela está se comunicando, eu pergunto e ela responde, e ela me pergunta... Então quando ela chegou, ela ficou olhando pra outro lugar, e aí é todo um trabalho, o que tem que baixar é a ansiedade do psicólogo, é que faz tantos anos que já não tenho mais, mas assim, quando eu preciso dar conta deste paciente, então eu tenho... Não, eu vou atrair... O que é que esse paciente precisa primeiro? Olhar para mim! Então eu vou trabalhar nisso. Bom, já está olhando para mim? O quê que ela precisa agora? Dá para eu falar em análise, em aplicação terapêutica? Não, não dá, ela precisa me entender. Tem outra paciente, engraçado né, que eu estava conversando com ela, e ela já conversa bem né, tem paralisia e tal, e eu perguntei para ela... Ela me falando que ela está sentando direitinho e que ela sabe né, aí eu perguntei para ela: - Quem te ensinou? E ela me respondeu outra coisa, e aí eu perguntei de novo: - Não, quem ensinou você sentar direitinho? E ela me respondeu outra coisa, e eu entendi que ela não sabia o conceito de "ensinar", ela sabia o sinal, ela sabia em português, mas ela não sabia o conceito. Então a clínica com o paciente surdo passa por aí.

Entrevistadora: *Então a Senhora faz uma psicoeducação já dentro da terapia, do atendimento?*

Entrevistada: Não tem outro jeito de você tratar né, determinados surdos... Não vamos botar tudo, porque eu tenho surdo aqui que tem faculdade, tem surdo formado, com mestrado não, mas tem com Pós-Graduação é outro nível né, é outra conversa né, então assim: - Qual é o atendimento para aquele público, para aquele paciente? Então por exemplo se o paciente tem condições, quanto mais informação chega nele, mais desenvolvimento, então os pais são pais que podem, que bancam, mas negam...

Entrevistadora: *Vergonha, seria?*

Entrevistada: Não... Negam a possibilidade, nem é por mal, têm uns que negam a surdez do filho, isso é muito comum né. Negam, então ninguém aprende sinal em casa: - Não ele me entende, eu falo e ele me entende. E é uma luta né, uma luta, aí o filho fala: - Minha mãe não está nem aí para mim porque ela não faz sinal, então eu quero que ela se exploda. E você tem que trabalhar um pouco a família em aconselhamento, assim insistentemente, até que essa família entenda que ela tem um filho surdo, então assim... Tipo de atendimento vai bem de encontro a necessidade de cada um né...

Entrevistadora: *De cada um...*

Entrevistada: *De cada um...*

Entrevistadora: *Por que.... Tanta cultura, é tanta identidade.... Tão diferente uma da outra...*

Entrevistada: Isso, o foco é esse... O foco é: o surdo não pode perder a identidade surda, e se ele não tem essa identidade, ele precisa adquirir. Se você colocar ele, se você coloca ele no mundo dele, de surdez, ele vai está contemplado em algum lugar, ele vai pertencer em algum lugar. Então, esse é o maior trabalho né, se vai ser... Nossa, vai ter uma subjetivação, uma simbolização... Entender que isso é depois. O principal é assim, descobrir que ele é surdo, vai ser sempre surdo, não ser diferente disso, desde que seja não seja mesmo né, não sou eu que estou sentenciando isso, ele precisa

entender né, aí ele vai sentir muita dor, vai ser um período muito difícil né, um período que ele descobre que aquela surdez impede de fazer as coisas que ele gostaria né, aquela idealização, porque ele também idealiza né, é um momento muito delicado do tratamento; depois ele vai buscar a identidade dele. Então o trabalho principal com o surdo é isso. Agora, trabalho de pessoa é igual, é psicologia, é a psicanálise (eu sou psicanalista), mas assim, é a psicanálise que é feita para ouvinte é a psicanálise foi feita pra pessoa, pro ser humano, então tanto faz, desde que tenha linguagem.

Entrevistadora: *Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?*

Entrevistada: Eu acho que as pessoas estão descobrindo a surdez, eu acho que está havendo essa descoberta. Começa com a Libras na televisão...

Entrevistadora: *Teve o ENEM no final do ano...*

Entrevistada: Isso, o ENEM... Então tem assim, são coisas que a gente comemora. Ah... Ainda não é bom? Não é! O cara vai lá e faz uma interpretação e a aluna saiu superchateada porque ela não entendeu o texto, porque ela não conhecia a palavra... Não adianta você interpretar a palavra que eu não conheço, entende? Assim, tem que contextualizar ainda... Isso ainda está sendo ajeitado, mas não importa. Eu acho que as pessoas tão entrando em contato sim, né. Esse primeiro congresso que vai ter do CRP... Vai ser muito importante... Eu não quis falar lá, porque eu não... Assim... Nossa... A gente vai escolher muita gente legal... Na USP já teve várias vezes, eu fui, com pedagogos, com fonoaudiólogos, tem um movimento aí acontecendo né. Só de você está aqui hoje isso é importantíssimo né; o ano passado também me procuraram para falar sobre psicologia, nossa, eu acho isso o máximo, o quanto eu posso contribuir eu contribuo.

Entrevistadora: *Gostaria de acrescentar alguma coisa?*

Entrevistada: Eu acho que informação. Eu acho que a gente é tão carente de informação, às vezes as pessoas não fazem porque não sabem... Será que se tivesse uma oportunidade de ter uma palestra, uma coisa igual a essa do CRP na faculdade falando sobre surdez será que mais pessoas não se interessariam? Então eu acho que falta chegar nas pessoas sobre isso. A USP tem um trabalho muito bom, muito lindo; a PUC também tem um trabalho muito bom, muito lindo; a FMU tem Libras em quase todos os cursos, meu irmão fez música e não tem a ver com surdez e ele teve disciplina de Libras, então tem muito lugar aí que está... Se bem que eu não posso falar que a FMU mudou muito né, mudou a direção... Mas antigamente tinha, então eu acho que a tendência é essa né. Eu acho que não tem que ter a psicologia para surdos, não, mas tem que ter a informação que o psicólogo para atender surdo precisa ter uma especialização, precisa entrar nesse universo, porque hoje em dia os alunos acham que... Eu já dei aula né, e os alunos pensam que é só fazer Libras, e atender surdo. E olha quanta coisa tem por trás, tem toda uma história tanta Lei envolvida, tem aqueles que não seguem a Lei nem a pau, então assim... Tem muita... Aí a cultura, como eles se colocam, como se relacionam entre si, é um mundo à parte, um mundo que você precisa entrar.

Entrevistadora: *E tem tudo a vê também essa questão que é uma pessoa além da surdez, pode ser artista, homo afetivo... E como lidar? Acha que surdo é só surdo, é só isso e nada mais.*

Entrevistada: Nossa... Muito... Isso, então é pagar a pessoa e tirar dela a identidade, é tirar dela uma história tirar dela a possibilidade de ser diferente, diferente não do ouvinte, diferente quanto pessoa, diferente dos outros surdos né... Assim como eu que sou diferente de você que é diferente do outro, o surdo também né, é tirar dele uma singularidade... poder ser uma pessoa, uma pessoa que pensa, que escolhe, uma pessoa né, que assim, eu tenho de tudo: psicótico, gay, e surdo e só a surdez é um detalhe... Às vezes a gente, principalmente no consultório precisa ficar muito atento pra isso. Qual é o problema maior dessa pessoa, é ser surdo ou não ser aceito? É ser surdo ou estar fora, ser ninguém, não ter aparecimento em lugar nenhum, pertencimento a lugar nenhum, ele não é, ele não pertence aos surdos porque não frequenta ao ambiente surdo, não pertence aos ouvintes, e muitos deles não têm linguagem, aí fala: - Nossa... O surdo tem problema sério de entendimento né, ele tá sempre atrás do desenvolvimento do ouvinte... Claro né, depende do que é que se foi oferecido né.

Entrevistadora: *O professor Guilherme da UFSCAR é surdo, Doutor e fala a mesma coisa que a Senhora acabou de falar que depende do que é oferecido pra ele...*

Entrevistada: Depende qual é o ambiente né, e eu falo do ambiente em todos os sentidos, o que este ambiente facilitou pra você? Se você tem Alemão dentro de uma casa desde bebê, você cresce bilíngue, não é? Se é negado pra você até o português né, como é que você né, sua língua materna, eu acho que em todos e em tudo, eu acho que o ambiente em todos os sentidos, de acolhimento, de aceitação, de entender aquela pessoa como pessoa porque as vezes aí o pai e a mãe se apropriam tanto daquele filho que ele ama muito né, ele ama muito, mas assim inutiliza a possibilidade né, e faz por ele... Tem paciente que não sabe pentear o cabelo, que não toma banho sozinha, com 15 anos...

Entrevistadora: *Só por conta da surdez?*

Entrevistada: E num é? Em compensação tem surdo aqui que pega e vai pra Osasco sozinha, volta, vai trabalhar... Quer dizer, que não é a surdez o maior problema né?

Entrevistadora: *Não!*

Entrevistada: Quer dizer... Não digo isso socialmente, tem aí todo um comprometimento: social, educacional, é né, pro desenvolvimento intelectual ela precisa ter acesso.

Transcrição VI

Nome Completo: C. C.

Idade:52

Formação: Psicologia

Cargo: Psicóloga Clínica, Professora Acadêmica

Data da entrevista: 08/05/2018

Entrevistadora: *Você conhece Libras? O que ela representa para você?*

Entrevistada: Sim. É a linguagem de sinais, né, a forma de comunicação com os surdos.

Entrevistadora: *Sua faculdade ofereceu Curso de Libras como disciplina na grade curricular?*

Entrevistada: Não. Na época não. Eu sou formada há 27 anos, e então ainda não tinha essa opção de fazer, né, como disciplina optativa. Não tinha ainda essa opção há 27 anos atrás.

Entrevistadora: *Você faz uso da Língua Brasileira de Sinais?*

Entrevistada: Não. Gostaria de aprender, mas não conheço.

Entrevistadora: *Já atendeu ou atende pacientes surdos? Quantos? Qual a sua análise sobre esses atendimentos?*

Entrevistada: Não. Não tive até hoje.

Entrevistadora: *Você acha que há inclusão do surdo no âmbito da psicologia?*

Entrevistada: Na psicologia, bom. Primeiro, partindo do pressuposto que a psicologia é para todos, né, então eu acredito que a inclusão deva acontecer. Não sei se acontece efetivamente na prática, mas pensando como justamente uma ciência que leve em conta as diferenças, né, então acredito que a psicologia tem sim que dar conta das questões também de Libras, de surdo-mudo.

Entrevistadora: *Gostaria de acrescentar alguma coisa?*

Entrevistada: Acho que a faculdade até que está dando um bom respaldo, por conta da disciplina optativa. Então acho que isso deveria ter sido feito sempre, né, mas ao longo do [ruídos] curso, então acho que é um meio, é um caminho para que o aluno possa realmente conhecer, saber que existe, né, que às vezes até os alunos não tem essa noção. E acho que seria realmente um diferencial, né.

Entrevistadora: *Essa disciplina então, ela dá um respaldo já para o aluno conhecer, ou ela dá um respaldo também já para conhecer e se comunicar com o surdo?*

Entrevistada: Acho que as duas coisas. Não conheço exatamente como funciona a disciplina, mas a noção que eu tenho é de que ela apresenta e dá como uma perspectiva de atendimento, também.

ANEXOS

ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

ANEXO II – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)